

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 51
27 de março de 2010

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Então vamos lá. Boa tarde a todos, sejam bem vindos.

Eu queria lembrar aqui a vocês que quando eu planejei esse curso com a duração média de quatro a cinco anos, eu tinha em vista certos objetivos intelectuais a serem atingidos, mas que, mesmo para vocês, só se tornarão claros nas últimas etapas. A própria palavra “formação” que a gente usa, subteme um processo, e esse processo vocês vão atravessar, vocês estão passando por ele. Muitos já perceberam assim transformações profundas que estão passando na sua consciência, mas podem ter certeza que estão acontecendo até mais coisas do que vocês estão percebendo e que só vão se revelar no fim, quando esses vários fios que nós estamos lançando aqui começarem a se juntar. Não esqueçam que nós passamos um ano inteiro praticamente só com conselhos de ordem prática e de ordem moral que são necessários ao exercício da filosofia, e que só algumas aulas atrás é que nós começamos a dar alguns elementos técnicos, especificamente da parte de lógica.

Esses elementos não estão sendo lecionados aqui como são normalmente num curso de lógica, porque a mim me parece que a lógica é uma das ciências mais encarceradas que existe, embora teoricamente ela devesse organizar o pensamento humano. Eu acho que ela não pode fazer isso de maneira alguma, porém meditar sobre os tópicos fundamentais da lógica será sempre útil. O que interessa não é você adquirir uma técnica que vai, como diziam os escolásticos, dirigir o seu pensamento, mas você adquirir o hábito de pensar, meditar muito seriamente sobre as dificuldades do pensamento humano e do conhecimento em geral. A consciência dessas dificuldades é bom que você a cultive até mesmo que isso se torne um pouco paralisante — se torne uma força inibidora — não tem importância, com o tempo esta inibição revelará toda a sua utilidade. Ortega y Gasset dizia “problema é consciência de uma contradição”, quer dizer, quando nós topamos com contradições atrás de contradições no nosso próprio pensamento, no nosso próprio conhecimento das coisas, ou seja, quando nós temos a impressão de máxima obscuridade e incapacidade é aí mesmo que você está começando a captar os problemas reais. Quer dizer, as dificuldades fundamentais com que o ser humano topa, se encontra no exercício do conhecimento elas são realmente enormes, são assustadoras. E ao longo de todo esse tempo em que transcorre a História da Filosofia, vamos datar mais ou menos dois mil e quinhentos anos, com todo o aporte que as ciências modernas deram nos últimos quinhentos anos, o progresso que se fez com relação aos pontos fundamentais é relativamente

pequeno. Nós ainda enfrentamos alguns enigmas que nós encontramos documentados pela primeira vez em Aristóteles, documentado claramente, quer dizer, o sujeito percebeu que existia o problema. Nunca se esqueçam que Aristóteles escreveu um livro inteiro que se chama *Problemas* ou *Questões*, e que é um livro constituído inteirinho de perguntas das quais a maior parte não está respondida até hoje, e nas partes onde ele acreditou encontrar alguma solução, eu pelo menos encontro mais problemas do que soluções. Esse domínio inteiro da lógica é para mim um campo de perplexidade sem fim, é por isso que eu não posso lhes dar um curso de lógica, tomando a lógica como uma ciência que está estabelecida e que pode ser passada a vocês como um conjunto de técnicas a ser “aplicado”. Por exemplo, eu estou ensinando a lógica tal como eu mesmo a entendo ou desentendo, ou seja, como um conjunto de problemas. Mas a concentração nesses problemas é que vai justamente aguçar a sua inteligência e adestrar a sua consciência para que você perceba problemas similares em outras áreas do conhecimento, e tendo se adestrado um pouco na tentativa de resolvê-los no campo da lógica, encontre então alguma facilidade maior para destrinchar problemas similares em outras áreas.

Para mim, todo o estudo que eu fiz com relação aos quatro discursos, talvez seja o estudo mais útil para mim mesmo que eu fiz ao longo de toda a vida, porque ali eu percebi primeiro a unidade do discurso humano. Quer dizer, não é possível você falar de um discurso puramente lógico ou de um discurso puramente poético, isso absolutamente não existe. O que existe é uma transição de uma coisa para outra, quer dizer, sem uma certa mistura nada se faz. Você pode dizer que é como se fosse uma escala cromática, onde, se você olha os dois extremos você distingue bem as cores — na passagem de uma cor para outra, você distingue, se você olhar os dois extremos, de cada cor. — Mas quando você vai para a região do meio é tão mesclado que você não sabe onde termina uma coisa e onde começa outra.

Das várias perguntas que me foram encaminhadas durante a semana a respeito do que foi lecionado aqui da simples apreensão e do conceito, sendo que mal começamos o estudo do conceito ainda, já revela que muitos alunos perceberam as dificuldades. Às vezes as perguntas são encaminhadas na expectativa de que haja uma resposta, mas na maior parte delas não há uma resposta, o que há é um conjunto de precauções que deve ser tomado para que você mesmo busque a resposta às vezes pelo resto da sua vida. O que eu expliquei a vocês a respeito da simples apreensão, é, em primeiro lugar, que ela não é simples. Qualquer tratado de lógica lhe dirá que a simples apreensão simplesmente capta uma essência da qual ela nada afirma nem nega. Mas nós não podemos esquecer que desde o tempo de Aristóteles já se tinha a idéia de que aquilo que você apreende no objeto não coincide inteiramente com o objeto, mas somente com alguns aspectos dele. Por exemplo, quando nós apreendemos a essência gato, isolamos do estado, da ação, das propriedades e acidentes do gato. Olha! uma essência verdadeira, quando você capta a essência de uma substância... O que é uma substância? Substância é um ser que existe não como parte de um outro e nem como atributo de um outro — Aristóteles define essência, como aquilo que nem está num ser e nem é predicado do ser; nem se predica do ser. — Gramaticalmente isso não é verdadeiro, porque, gramaticalmente, você pode predicar uma essência de

alguma coisa, se você dizer por exemplo: “isto é um gato”. Então, a substância gato está sendo predicado do termo “isto”, mas isso só vale gramaticalmente, logicamente não vale.

A substância é aquilo que pode ser concebida então em si mesmo, não como qualidade nem como parte de um outro. Ora, isso não define substância absolutamente! Isso é apenas um indicador, é uma maneira, é o critério de reconhecimento e não propriamente uma definição. A rigor, a definição de substância não é possível. Sem esta noção de substância você não consegue definir é nada, porque quando você pergunta: O que é isto?, você está perguntando por uma substância. Agora se você perguntar: O que é, o que é isto? Aí você está encrencado, porque você poderia repetir a pergunta, multiplicá-la [00:10] indefinidamente e não chegaria a nada. Aristóteles diz que você não obtém nenhum conhecimento a partir do nada, quer dizer, sempre se obtém um conhecimento a partir de algum outro conhecimento, e você vai remontando até alguns conhecimentos de base, que você realmente não sabe de onde você tirou, mas que ele de certo modo se impõe a si mesmo. Por exemplo, a própria noção de existência. Mesmo que você não consiga definir existência, você tem alguma idéia dela, essa idéia pode ser muito vaga mas é suficiente para a gente começar. Ora, a simples apreensão ela não apreende propriamente uma substância, mas uma essência. O que é uma essência? É o que uma substância é independentemente da sua existência ou não e independentemente do seu estado, etc. Acontece que você jamais verá uma essência, não existem essências na verdade, o que existe são substâncias, são entes reais. A essência é apenas a sua a resposta à pergunta. O que é isto?, tomado na sua simplicidade e independentemente de se considerar se a resposta que você obteve é adequada ao objeto na sua totalidade ou não. Por quê? Nós só podemos dizer que nós conhecemos a essência de uma substância se nós conhecermos ao mesmo tempo toda a multiplicidade dos estados, propriedades e acidentes à que esta substância possa estar sujeita. Por isso que se você não conhece nada disso, você tem somente a essência, muito bem o que você tem é somente uma palavra e sua definição, não há coisa nenhuma por trás dela. A única conexão entre a noção que você tem de uma essência e o objeto real é toda a multiplicidade dos acidentes que podem suceder àquela substância. Por exemplo, a definição de gato, a essência gato, ela nunca está deitada, nem correndo e muito menos está em cima do telhado; só o que está em cima do telhado, ou deitado, ou correndo é o gato realmente. Agora, a hora em que você apreende esta Qüididade do gato, isto é um gato. Quando você diz: eu estou fazendo abstração de algo, quer dizer, você está separando mentalmente algo que nunca pode estar separado na realidade. Ou seja, existem duas maneiras de você apreender uma essência. Quando você capta aquela pura forma da essência e separa completamente dos acidentes, o que você tem é uma essência pura por assim dizer. Mas a essência pura só existe mentalmente. Perdão. Existe mentalmente? Quer dizer, você é capaz de pensar a essência pura, quando você essência gato, você não pensa nada mais nada mais junto? Pensa apenas a essência? Não, ninguém consegue pensar assim, somente um computador pode pensar uma essência pura. Nós sempre pensamos uma essência com algum acidente, só que os acidentes variam e a essência permanece. Por que os acidentes variam? Porque eles são em número indefinido. Ou seja, há duas maneiras de você pensar uma essência, uma seria a maneira pura, que é aquela que você usa em lógica, sabendo que

é pura só na intenção, só por assim dizer da boca para fora, é pura só formalmente. Quer dizer, ela não é pura mas vamos considerá-la pura. E a outra maneira é quando você pensa a essência lembrando da substância real e tendo uma espécie de antecipação do círculo ilimitado dos acidentes que podem ocorrer a essa substância, é esse círculo que eu chamo círculo de latência.

A lógica antiga dizia que a simples apreensão entre várias classificações que ela faz da simples apreensão, uma delas é, se a apreensão é compreensiva, quer dizer, abrangente ou não abrangente. A simples apreensão abrangente somente Deus tem. Porque seria a apreensão de uma essência numa substância acompanhada imediatamente de todas as relações que esta substância pode ter com todas as outras substâncias do mundo. Ou seja, aí você terá apreendido, você percebe o gato, você percebe aquela substância individual ao gato, você percebe a essência dela, ou seja, a espécie a que pertence e você percebe simultaneamente todas as propriedades e acidentes, só Deus pode fazer isso. Ora, como só Deus pode ter a simples apreensão compreensiva, o que a lógica fez desde o início? Desistiu disso e passou a lidar apenas com as essências puras, e começou a estudar então as relações que mentalmente nós podemos estabelecer entre várias essências puras e daí vem toda a silogística, todas as possibilidades de predicação e combinação de conceitos que você tem.

Ora, como a lógica procede assim, significa que a lógica em si mesma não tem nada, nada, nada a ver com nenhum ente real do mundo. Então, como poderíamos dizer que a lógica, como definiam os escolásticos, é a ciência que dirige o ato da razão de modo a levar ao conhecimento da maneira mais certa possível? A mim, me parece que a lógica jamais foi isso. Essa não é uma definição da lógica, isso é o que eles esperavam obter da lógica. Estavam definindo a lógica teleologicamente, por assim dizer. Se a lógica alcançasse seus últimos resultados o que quê seria? Seria uma técnica que dirige a razão no ato do conhecimento. Mas a lógica tal como nós a conhecemos, tal como foi desenvolvida por Aristóteles, pelos escolásticos e pelos lógicos modernos, ela não chega a ser isso de maneira alguma, mas alguma coisa ela é. O que quê ela é? Ela é um estudo da estrutura da possibilidade, tal como se expressa nas combinações possíveis entre essências puras. Ora, esta limitação da lógica, ela não limita somente a lógica, ela limita toda a esfera do conhecimento humano; porque nas ciências você também lida com elementos puros que não existem na realidade, uma substância quimicamente pura ou uma figura geométrica pura, essas coisas não existem na realidade. Então nós temos de um lado o mundo da experiência que nos chega através dos sentidos internos e externos, na sua imensa, inesgotável e irreduzível complexidade, e do outro lado nós temos uma série de esquemas de possibilidades, e o que nós chamamos de ciência — prestem bem atenção que isso aqui é fundamental — Tudo o que nós chamamos de ciência consiste em transpor o mundo da realidade para o mundo da possibilidade, quando nós sabemos a que tipo de possibilidade, a que ordem e a que grau de possibilidade pertence um determinado fato ou uma sequência de fatos, nós dissemos que temos um conhecimento científico deles. O ideal seria, vamos dizer, o que quê é o grau máximo de conhecimento científico? É quando você conhece uma coisa sob a forma de uma lei científica que enuncia portanto um elo de necessidade, onde

dadas tais condições tal conclusão se segue necessariamente; como acontece na própria lógica — na teoria do silogismo — dadas as duas proposições segue-se, dado uma premissa maior e uma premissa menor segue inapelavelmente uma consequência. Então aí você tem um elo de necessidade. Necessidade vem do latim *nec cedo*, quer dizer não cedo, não ceder, aquilo que por mais que você mexa a coisa está amarradinha e não cede.

O ideal de todo o conhecimento científico seria poder exprimir todo o conjunto do conhecimento daquela ciência em proposições de necessidade absoluta. Ora, a necessidade pode ser definida como a impossibilidade do oposto, quer dizer, uma coisa é assim e não pode ser não assim de maneira alguma. Porém todos esses elos de [00:20] necessidade se verificam não entre entes da realidade mas entre essências puras; por exemplo, mesmo na própria lógica, quando nós pegamos duas premissas, duas frases e dizemos que dada a premissa maior e a premissa menor se segue inapelavelmente uma consequência, nós estamos fazendo abstração do uso real da linguagem. O famoso silogismo sobre Sócrates: "Todo homem é mortal, Sócrates é homem, portanto, Sócrates é mortal". Ora, qual foi a intenção real, precisa, concreta com que o indivíduo disse todo o homem é mortal? Desde que essa simples frase, ela pode conter dentro de si uma multiplicidade enorme de intenções e significados, mas todos esses significados se reportam à o quê? A um único significado essencial, puramente formal, e é com este significado da frase que a lógica vai lidar; ou seja, ela está fazendo abstração das diferentes situações em que diferentes pessoas podem dizer a mesma frase com diferentes intenções. Se isso acontece na própria lógica, imagina quanto isso não acontece nas outras ciências? Basta esta pequena observação inicial para você entender que nunca, nunca, nunca haverá uma explicação científica da totalidade da realidade. Nunca! Isto é absolutamente impossível! Isso só seria possível se a realidade existente fosse um traslado direto das leis da necessidade. Ora, além da necessidade absoluta, as ciências conhecem uma necessidade relativa que se chama probabilidade, ou seja, nós não temos certeza que as coisas procederão desta ou daquela maneira, mas nós sabemos que há uma tendência de x por cento de que aconteça assim. Ora, este enunciado matemático da tendência, ele por si também pretende ter um valor absoluto, se eu digo que há 72% de chance de que aconteça tal coisa, quer dizer que não há 73 nem 84, nem 25. Então a afirmação da necessidade relativa é também uma necessidade absoluta; formalmente — apenas no seu conteúdo ela não expressa uma totalidade absoluta mas uma parte — então, o conceito básico de qualquer ciência é o elo de necessidade, e necessidade vamos dizer, é o contrário da possibilidade, é impossibilidade de alguma coisa. A necessidade se expressa mediante uma impossibilidade. Ou seja, o mundo em que nós vivemos, ele não se compõe nem de possibilidades e nem de impossibilidades, ele se compõe de fatos e coisas. Os fatos e coisas jamais nos aparecem sob a forma de necessidade absoluta ou de arbitrariedade absoluta, nunca temos nem uma situação nem a outra, é por isso que as discussões sobre determinismo e livre arbítrio em geral são absolutamente inúteis, porque não há nada na experiência que corresponda nem à uma coisa nem à outra. Determinismo seria a absoluta necessidade, quer dizer, uma sequência de elos que se seguem uns aos outros inapelavelmente. E o que quê seria o total livre arbítrio? Seria a total ausência de elos, onde nada está obrigado a nada. As duas coisas são totalmente alheias ao nosso campo de experiência,

só têm existência lógica. Mas o longo hábito de raciocinar sobre as ciências puras que os filósofos adquiriram ao longo dos tempos e que depois foi passado para o mundo das ciências modernas pode criar a ilusão de que se nós conseguirmos captar uns quantos elos de necessidade, nós temos a explicação de tudo. Não! Mesmo que conseguíssemos isso, nós teríamos apenas os elos de necessidade que conectam umas às outras certas seqüências de essências puras, e não de coisas, e não de fatos e não de realidade.

Se é assim, então pergunto eu: Por que o conhecimento científico não falha cem por cento? Ele não falha cem por cento porque a mente humana tem essa prodigiosa capacidade de lidar com essências puras num certo plano, mas introduzir o corretivo da accidentalidade no outro. Ou seja, nós conseguimos pensar uma essência gato, conseguimos fazer esta abstração, quer dizer, separamos a essência da substância real com todos os seus acidentes; mas no fundo, no fundo, nós sabemos que os acidentes estão lá. Ou seja, nós não somos tão idiotas quanto o manual de lógica dá a entender que nós somos. Este fundo da accidentalidade é o que dá para nós o senso da concretude por trás, por baixo e por dentro das essências puras com as quais nós lidamos. E esta tensão entre uma essência pura que está bem definidinha, arrumadinha, recortadinha como uma figura geométrica e um fundo de accidentalidade indefinido, essa tensão é que é o problema fundamental do conhecimento. Porque se nós lidamos só com essências puras então é só entregar tudo para um computador, que ele faz o resto sozinho. Seria tudo matematizável e tudo automatizável; mesmo que lidasse, não com necessidades absolutas, mas com probabilidades, tudo seria matematizável, e o sujeito humano seria totalmente desnecessário no conhecimento. Não é preciso dizer que o ideal de todas as ciências modernas é chegar a este ponto, quer dizer, uma ciência tão perfeita que dispensa a presença de um cientista, a presença de um sujeito humano que conhece. Ora, em que medida um conhecimento assim constituído seria realmente conhecimento? Ele seria apenas um conjunto de esquemas formais compostos com essências puras cuja a relação com a realidade seria altamente problemática. Então, isto que eu estou dizendo marca o limite de toda e qualquer ciência possível, porém não o limita de todo e qualquer conhecimento possível. Porque você veja, suponha que você é um cientista e que está lendo um livro de física onde todos os conceitos ali são essências puras definidas matematicamente; olha, você não vai ser tão idiota ao ponto de acreditar que aquilo é a realidade. Você sabe que por baixo daquilo existe uma realidade concreta que lhe chega pelos sentidos e que não se reduz inteiramente àquelas fórmulas, você sempre sabe disto. E é por isso mesmo que adianta você escrever livros de física, senão os livros teriam que ser lidos apenas por computadores. O ponto que estou querendo chegar é o seguinte: o portador do conhecimento é a consciência individual vivente, e esta é capaz não apenas de praticar abstração em vários níveis, mas de praticar o contrário, praticar a concreção. A capacidade de abstração é uma coisa tão imensamente louvada ao longo dos séculos que freqüentemente nós nos esquecemos que, sem a capacidade contrária, ela não vale absolutamente nada. Ela vai criar apenas uma série simulacros de conhecimento sem relação com o mundo da experiência.

Eu mencionei aqui o projeto no qual estiveram envolvidos Albrecht Husserl, Ludwig Wittgenstein e Alfred North Whitehead durante algum tempo, que seria

de criar a metalinguagem pura de todas as ciências e que depois acabaram desistindo. O Wittgenstein foi um dos primeiros a desistir, mais tarde o Husserl e o Whitehead também [00:30] desistiram. Um projeto similar, é o que foi desenvolvido pelo famoso Raimundo Lúlio, chamada De Ars Magna, Arte Combinatória. Você pega um monte de essências puras e descobre todas as combinações possíveis, então você tem ali o conjunto do que é dizível. Mas dizível por quem? Por um ser humano real no uso da sua linguagem real? Não! Que é dizível ou por um ser humano abstrato, ou, hoje em dia, por um computador.

Do mesmo modo, o que o nosso Mário Ferreira dos Santos chamou de *Mathesis Megiste* — o ensinamento supremo — também não é nada mais do que isso; é uma arte combinatória feita a partir de uma série de categorias iniciais que ele condensa sob a forma do simbolismo dos números (unidade, dualidade, ternário, etc.), mas que, à medida que você vai seguindo nesta combinatória, parece que você vai se afastando cada vez mais da experiência concreta e está lidando apenas com combinações de essências puras. Ou seja, o único conhecimento integral que o homem pode chegar é o conhecimento dessas combinações de essências puras, não o conhecimento da realidade.

Então, nós já podemos tirar aqui uma conclusão de ordem metafísica: realidade é precisamente aquilo que não chega a se reduzir a essas formas, a esse conjunto de formas. Quando eu digo que isto é uma limitação da ciência, isto não é uma limitação que valha para todo conhecimento humano, por quê? Porque cada ser humano tem a noção da concretude. Se ele não tiver, você logo notará que tem alguma coisa estranha nele. Quando o sujeito começa a tratar os entes reais e as pessoas reais como se fossem essências puras, isso é exatamente o que nós chamamos de esquizofrenia. É um conhecimento que é um conjunto de formalidades sem participação pessoal naquela experiência. Esta impossibilidade da participação pessoal e esta impossibilidade de suportar a tensão entre o abstrato e o concreto, isto mesmo é o que define a esquizofrenia. Isso quer dizer que, toda e qualquer tendência filosófica ou científica, que force muito na direção de alcançar um conhecimento supra pessoal, exato, perfeito, comprovado em todos os seus detalhes de tal modo que dispense a presença do ser humano real e concreto é, evidentemente, uma tendência esquizofrênica. Felizmente, ela é irrealizável, mas isto não impede que muitas pessoas vivam desse sonho sem perceber que, de fato, é um pesadelo. Em suma, o que foi esquecido com muita frequência na tradição filosófica e científica é o seguinte: o sujeito e o portador do conhecimento é a consciência humana individual. O resto são apenas registros escritos, gravados ou qualquer coisa, ou seja, é conhecimento potencial. Conhecimento mesmo é só aquele que o sujeito humano concreto consegue ter efetivamente; aquilo que eu consigo saber, que você consegue saber e que o outro consegue saber.

Quando nós iniciamos o estudo desses conceitos fundamentais da lógica nós nunca podemos esquecer esta natureza, por assim dizer, paradoxal ou tensional de cada um desses conceitos. Vocês não imaginam o sofrimento intelectual que isso representou para mim por muitos anos, porque toda vez que eu tentava ler um livro de lógica, em vez de sentir que eu estava entrando em um território mais claro, a coisa se tornada cada vez mais obscura para mim. Por exemplo, quando nós começamos a classificar os conceitos, ou, como

dizem os lógicos, fazer a partição dos conceitos. Um conceito, diz a lógica clássica, tem dois aspectos: um é a sua compreensão, e outro é a sua extensão. O que é a compreensão? É o conjunto das notas que você apreendeu – nota é tudo que você notou. Por exemplo, se você olha um objeto que você não sabe o que é e capta algo dele, capta algo que não está bem adequado a ele, ainda assim você tem uma simples apreensão; é um conjunto de notas que você está achando que expressa o que aquele ente é mas que não precisa ser necessariamente isso. Esse conjunto das notas é o que se chama a compreensão – compreensão no sentido de abrangência. Em inglês se usa mais neste sentido: *comprehend* significa abranger, mas em português usa-se raramente isso. O outro é a sua extensão, que é o conjunto dos entes ao qual aquele conceito se aplica. Qual seria o conjunto das notas que compõem o conceito de gato? Em primeiro lugar você tem de saber que ele é uma substância e não um acidente ou uma propriedade: o gato não é um adjetivo; em segundo lugar você precisa saber que ele é um ser vivo, mas que ele não é um ser vivo como qualquer outro, ele é um animal, e um animal de uma espécie determinada, da espécie felina. Esse conjunto de notas fixou o que é o gato. Esse conjunto de notas é a compreensão ou abrangência do conceito, mas a extensão dos conceitos é o conjunto dos seres ao qual aquele conceito se aplica adequadamente, ou seja, o conjunto dos gatos. A lógica antiga dizia o seguinte: quanto maior a compreensão menor extensão. Portanto, quanto mais notas você tiver no conceito, mais detalhado será o conceito e, portanto, menor será o universo de seres ao qual aquele conceito se aplica.

Não parece claro isto aí? É, mas quando você vai na lógica hindu, tem um sujeito chamado Shânkara que dizia o seguinte: se você juntar todas as notas possíveis você obtém o conceito de tudo, e o conceito de tudo abrange todos os seres possíveis. Ó raios! Então, quanto maior a compreensão menor a extensão ou quanto maior compreensão maior a extensão? Se você resolver isto eu lhe dou o doce. Isto é para vocês verem até que ponto aqueles conceitos fundamentais da lógica podem ser complicados e problemáticos. À medida que eu fui percebendo essas coisas eu fui criando um preconceito contra os lógicos – não é um preconceito, é um pós-conceito: eu tive isso por experiência — especialmente contra os lógicos matemáticos, que ainda aperfeiçoam o negócio; e eu fui vendo como toda essa coisa é imensamente perigosa, e que, se você não souber que cada um desses conceitos da lógica tem o seu preço, ou seja, não tem jeito de você pensar sem lógica, porque todo mundo pensa com alguma lógica, por tosca que seja. Como ela é um encadeamento das possibilidades, toda e qualquer essência pura que você pense, ou seja, praticamente qualquer palavra que você use, tem uma série de relações lógicas que estão implícitas e que você pode mostrar, evidenciar, conscientizar e expressar a qualquer momento. A percepção de um erro de lógica, por exemplo, é uma coisa quase espontânea no ser humano: se alguém está dizendo uma coisa que produz um ilogismo muito flagrante, todo mundo percebe. Existe uma espécie de instinto lógico. Porém, em que medida esse instinto lógico é um instinto puramente formal, de você perceber que o encadeamento dos conceitos está errado?

[00:40]

E em que medida ele é uma referência a experiência de realidade? Eu acompanho, pela minha ingrata função de jornalista e comentarista de mídia,

muitos debates públicos tanto no Brasil quanto no exterior, e eu vejo que, particularmente no Brasil, existe uma tendência muito forte às pessoas terem uma espécie de exacerbação do senso lógico, ou seja, percebem contradições lógicas com grande facilidade; porém, a contradição lógica implica necessariamente uma contradição real, ou seja, uma falha de percepção da realidade? Nem sempre. Percepções muito aguçadas e verídicas podem ser expressas de maneira logicamente falha e vice-versa.

Da simples apreensão nós puxamos um negócio que chamamos “conceito”, que expressa o que, em lógica, chamamos o “termo”. Um termo não é uma palavra, ele pode ser duas, três ou quatro palavras; por exemplo, quando você apreende a noção de este homem, esta pessoa: são duas palavras mas isto é um único termo. O termo traduz a simples apreensão que você está tendo não de ser humano em geral mas desse ser humano tem particular. O termo pode ser muito complexo: o gato que está no telhado da vizinha neste momento. Tudo isso, em lógica, é um termo que designa esta apreensão que você teve, ou seja, você não está se referindo a gato em geral, nem a um conjunto de gatos em particular mas a um determinado gato em um determinado momento; isto é uma simples apreensão que se expressa neste termo: o gato que está no telhado da vizinha neste momento. Termo também quer dizer o fim de uma coisa – *terminus*, em latim, é limite, fronteira –, ou seja, a obtenção do termo é o que se diz ser o final da simples apreensão, quer dizer, ela termina na hora em que você tem o termo. O termo não só limita a simples apreensão no tempo, quer dizer, ele é o fim do processo da simples apreensão, mas ele também limita o conteúdo dela, quer dizer, aquilo que está no termo é, em princípio, o conjunto fechado daquilo que está na simples apreensão. Porém, quando nós dizemos a palavra conceito, a palavra mesma conceito, que vem do latim *conceptus* – o verbo *cepio*, *cepie* quer dizer pegar, agarrar – significa que você apreendeu algo, mas o que você apreendeu? Apreendeu apenas o conteúdo do seu pensamento ou apreendeu algo de uma substância real? Uma coisa é o conceito de uma idéia que você teve, e outra coisa é o conceito da coisa. Eu tenho uma simples apreensão de gato e com aquilo eu crio um conceito de gato, e é com este conceito que eu vou começar a lidar daqui para diante. Quando eu penso este conceito, eu posso pensá-lo como conceito do gato ou como puro conceito, um conceito que está na minha mente; e é isso que os lógicos antigos chamavam de primeira intenção e segunda intenção. Quando eu penso um conceito com a intenção de referi-lo a um objeto real, isto chama-se primeira intenção. O que eu estou fazendo aqui? Estou falando do conceito e não do gato, então isto se chama segunda intenção. Na passagem da primeira para a segunda intenção nós atravessamos universos inteiros. Parece uma coisa simples o [00:50] que os lógicos estão dizendo com o conceito de primeira e segunda intenção, porém, enquanto eu estou usando o conceito na primeira intenção eu estou referindo a um objeto. Como é que eu conheci esse objeto? Conheci pelos meus sentidos. Eu não vejo um gato por dentro, eu não conheço a totalidade do que se passou com aquele gato, quer dizer, eu tive uma certa percepção dele, que só pega determinados aspectos dele, embora eu não seja nenhum idiota e conserve-o ao círculo de latência, eu sei que tem o círculo de latência lá. Por exemplo, eu sei que este gato não surgiu do nada, eu sei que ele tem uma ancestralidade que remonta até não sei onde; houve uma multiplicidade de gatos que tiveram de existir para que este gato chegasse aqui. Eu sei que ele não brotou neste lugar, ele veio de algum lugar;

mesmo que ele tenha nascido nesta sala ele não nasceu no lugar onde ele está, a não ser que ele tenha nascido lá e tenha voltado para aquele lugar. Em suma, tem todo esse círculo de latência em volta, mas o círculo de latência também é latente: ele está presente na sua imaginação, na sua memória, na sua expectativa; você não tem uma representação dele, a representação completa do círculo de latência só Deus tem, e aí já não é mais latente: para Deus, tudo isso é patente, tudo o que o gato fez, o que os antepassados do gato fizeram e o que o gato vai fazer pelo séculos dos séculos. Tudo isso está presente para Deus, mas para nós não está presente, não está patente, está latente. E a maneira correta de nós conservarmos o senso dessa latência é uma tensão. O que é esta tensão? É a consciência permanente do hiato entre o meu conceito e a realidade. Sem este hiato o meu conceito perde toda realidade, ou seja, nós só podemos dizer que estamos pensando a realidade quando sabemos que não estamos pensando a realidade. Este pensamento de dois andares – por um lado eu tenho aqui o esquema lógico que estou montando, mas por outro eu tenho, dentro de mim, o senso, o sentimento daquela latência e, portanto, da inadequação do que eu estou dizendo. Quando eu digo alguma coisa, a pessoa que me ouve também tem isso, porém, ela está, na hora em que eu emito uma frase, quer dizer, eu pego o meu termo gato e construo uma frase com ele e digo para alguém, onde esta pessoa prestou atenção? No sentido dicionarizado da palavra, ou seja, no sentido estabilizado do termo? No meu pensamento, ou seja, ela está percebendo que eu pensei algo? Ela está percebendo que isto que eu pensei saiu de algo que eu percebi? Ela está sabendo que isto que eu percebi foi um recorte operado em cima de um ser real? Ela recompõe tudo isto? Na maior parte dos casos não. Para você entender a frase mais simples, mais mínima, você tem de colocar ali um aporte de adivinhação que é simplesmente monstruoso. O sujeito fala gato, elefante, girafa, casa, minhoca, automóvel e, das duas uma: ou eu trato isso apenas como um esquema genérico que outra pessoa poderia usar, mas poderia usar em um outro sentido, ou eu tenho toda essa antecipação de toda a experiência e do processo cognitivo pelo qual aquela pessoa passou para poder me dizer isso. Note que este é o princípio da leitura do que quer que seja, e, convenhamos, o textos filosóficos não são aqueles que mais ajudam você a operar essa complementação, essa injeção de conteúdo no que o texto está dizendo ou no que o professor está dizendo. Por quê? Porque toda filosofia é composta por termos técnicos genéricos, a não ser que o filósofo coincida também de ser um escritor sugestivo, o que não é obrigatório para o exercício da função de filósofo.

Todos estes conceitos usados em lógica só valem alguma coisa se você tiver, permanentemente, essa espécie de inquietação, ou de tensão, para adivinhar o mundo da experiência real humana por trás desses esquemas verbais usados para transmitir isto ou aquilo. Ou seja, a melhor maneira de entender o que as pessoas estão dizendo, o que um filósofo está dizendo é saber que você não está entendendo, que está faltando coisa e que muito terá de ser adivinhado. Se você se recusa a esta adivinhação então você saiu do mundo da experiência real e entrou no mundo das puras relações lógicas ente essências. E, ainda que nós conhecêssemos todas essências e todas as relações entre elas, isto não seria o mundo, seria, apenas, o esquema de possibilidade do mundo; seria um mundo real esvaziado da sua substância e transformado num esquema de possibilidade, numa gradação de possibilidade. Ora, vamos supor que nós

tivéssemos então que nós conhecêssemos esse esquema de possibilidades na sua totalidade; você tem a metafísica completa, mas você esqueceu o mundo da experiência. Prestem atenção! Com base nesse conjunto de leis metafísicas. igualzinho; igualzinho; se poderia construir um mundo indefinido de outros universos bastante diferentes deste. Isto, de modo geral. De modo mais particularizado, toda e qualquer explicação científica, do que quer que seja, deixa em aberto, a possibilidade de outras explicações em número indefinido, ou seja, não há uma explicação científica terminal de nada! Não há e não pode haver! Isso quer dizer que, toda a ciência do mundo, somada, organizada e arrumada, ela continua sabendo menos que qualquer consciência individual vivente, mesmo que seja de um sujeito idiota. Um idiota sabe mais, concretamente, do que toda a ciência universal, porque ele tem a percepção da realidade concreta; e esta é sempre imensamente mais rica que todos os esquemas de possibilidades que nós possamos montar.

Então, se eu puder, desde o início da sua formação, infundir em vocês este respeito pela realidade existente e fazer vocês entenderem que o próprio conjunto dos conhecimentos humanos não é senão um item a mais dentro dessa realidade – um item criado pelo homem, evidentemente –, mas ele não é senão uma parcela a mais, um elemento a mais; e desenvolver em vocês o senso de que este respeito pela realidade efetiva que chega até nós é muito mais importante do que o respeito pela totalidade dos conhecimentos existentes, então terei chegado a algum resultado. Então, voltando a um exemplo que eu já dei, se você pegar todos os livros de Mineralogia do mundo, tem lá um monte de conhecimento sobre os minérios, porém, nos minérios existe muito mais conhecimento registrado do que está registrado nos livros, e nenhuma tratado de Mineralogia poderá jamais conter tudo isto.

O universo é um depósito de conhecimentos. Se ele não fosse um depósito de conhecimentos, se não houvesse nele uma sugestão de ordem, nós jamais poderíamos, pela simples força do nosso cérebro, criar esse conjunto de esquemas de possibilidades que nós chamamos de ciência. Mesmo porque o cérebro não é uma invenção da ciência, cérebro é uma coisa física que existe. Mesmo supondo-se que nós pensemos com o cérebro — e eu não acredito que a gente pense com o cérebro, eu acredito que a gente pense com tudo e mais alguma coisa, eu acho que o cérebro é só um componente a mais — todo conhecimento que nós adquirimos e temos não passa de um acontecimento a mais dentro do campo ilimitado da realidade, ou seja, a palavra realidade deve ser pronunciada de maneira cheia. E você sempre tem de saber que tudo o que você sabe, ou pensa que sabe, está dentro de um conjunto infinito chamado realidade; deste conjunto infinito é de onde você tira as sugestões em cima das quais você vai organizar o seu pensamento. Eu já dei para vocês, mais de uma vez, o exemplo das direções do espaço: se você não sabe o que é para frente, para trás, direita, esquerda, em cima, em baixo, vocês estão literalmente perdidos no espaço. E como você vai pensar? Nós falamos, por exemplo, em hierarquia dos conceitos, ou seqüência das proposições. Vocês percebem que eu fiz uma referência espacial. Se não houvesse as direções do espaço como é que eu poderia pensar em hierarquia ou seqüência? Vejam que quase todos os conceitos que nós usamos em Filosofia e Ciência são figuras de linguagem tiradas da nossa experiência do espaço-tempo. Como nós podemos ser imbecis ao ponto de supor que todo este conhecimento que nós criamos foi pura

criação humana e que somos nós que estamos botando ordem em um mundo caótico, como supunha Kant? Eu tentei, muitas vezes, pensar como Kant, e ver o meu pobre cérebro pondo ordem no mundo. Não dá para fazer! Tentem fazer vocês! Por exemplo, você imagina que acorda de manhã e está em um lugar que não é aquele no qual você dormiu ontem, as pessoas que estão em volta não são as pessoas que você conhece, a data no calendário mostra 2045, em suma, todas as referências espaço temporais sumiram e o seu cérebro, miraculosamente, organiza tudo isto. Isto é impossível. Eu tenho certeza que o velho Kant jamais pensou em uma coisa dessa, mesmo porque ele jamais saiu da cidade dele, ele vivia todos os dias a mesma coisa, e aquilo estava tão bem organizado em volta dele que ele não percebia até que ponto ele dependia dessas referências externas. Eu tenho certeza, hoje, que todo o princípio da organização da nossa mente é imposto sobre nós pela estrutura do universo, pela estrutura do espaço-tempo – não pela estrutura do espaço-tempo físicos que se estuda na Física, mas do espaço-tempo da experiência real. É justamente por causa desta força que o universo em torno tem de conter conhecimentos, contê-los organizadamente, oferecê-los a nós de alguma maneira, e de conservar o seu registro pelos séculos dos séculos. É por isso que nós conseguimos pensar.

Se vocês entenderam o problema que existe com a compreensão e extensão dos conceitos, nós podemos passar para a etapa seguinte e lembrar que, combinando esses conceitos, nós obtemos juízos, afirmações que nós fazemos, onde atribuímos algo, a um sujeito, um [01:00] objeto que apreendemos por simples apreensão. Aristóteles dizia que tudo que nós predicamos, tudo que nós dizemos, está contido em uma coleção relativamente pequena de possibilidades que ele chamava as categorias. Ou seja, a primeira coisa que você pode dizer de algo é o que aquilo é. Por exemplo: isto é um gato, isto é uma casa, isto é uma mesa e assim por diante. Mas, também, nós conseguimos quantificar os entes. Nós dizemos: isto são dois gatos, ou três gatos. Também nós podemos dizer algo a respeito de uma qualidade do gato: o gato é preto; ele é grande; ele é gordo, etc. Nós podemos estabelecer uma relação entre um gato e outro, por exemplo: este gato é pai daquele outro.

Aí nós já temos as seguintes categorias: a substância, a quantidade, a qualidade e a relação. Além disso, nós podemos dizer algo que o gato está fazendo: o gato está correndo, ou está dormindo. Mas podemos dizer a ação que o gato sofreu, por exemplo: você pisou no rabo no gato; não foi uma ação que ele fez, foi você que fez. Então, temos aí mais duas categorias, que Aristóteles chamava a ação e a paixão. A palavra paixão, em português, adquiriu outra conotação modernamente, mas paixão vem do passivo, é sofrer uma ação, e as chamadas paixões da alma são assim chamadas porque a alma as padece, não é ela que as faz. Se você fica com raiva, você não está fazendo a raiva, se você fizesse você teria controle total sobre elas, mas ela lhe sobrevém como se ela fosse do exterior, ou seja, você não é o sujeito agente que está criando aquilo. Em seguida, você tem o espaço e o tempo. Aristóteles é meio incerto com relação a lista das categorias, mas nós vamos fechar negócio com essas oito que nós temos: a substâncias, a quantidade, a qualidade, a relação, a ação, a paixão, o espaço e o tempo — às vezes Aristóteles cita duas outras, a posição e a atitude, mas vamos esquecer isso aqui por enquanto, elas não são necessárias absolutamente — Da primeira

categoria para a segunda você já vê que não existe um nivelamento, que elas não estão colocadas no mesmo nível. Você pode falar de quantidades consideradas em si mesmas: dois mais dois é quatro. Então, você não está referindo isso a substância nenhuma, mas tão logo você reconhece isso, você admite que é apenas uma sentença formal que, no fundo, não está dizendo nada, está apenas articulando essências puras possíveis. Do mesmo modo a qualidade: você pode destacar a cor, o gosto, etc. Mas todas essas qualidades, embora você possa pensá-las separadamente, por exemplo: o conceito da cor verde. Você sabe que a cor verde não existe em si mesma, ela só existe em uma substância. Do mesmo modo, uma relação: a relação tem de ser entre algo e alguma coisa, mesmo que seja entre dois conceitos lógicos. Um conceito lógico é uma substâncias também. Qual é a substancialidade de um conceito lógico? É um dado do conhecimento humano. Você pode considerá-lo psicologicamente, ou seja, como um ato mental que foi feito, ou pode considerar com um puro esquema de possibilidades, então ele tem a substância de um puro esquema de possibilidades. Ou seja, mesmo as coisas que não têm substância são substâncias. Aí nós já temos um problema terrível: quais substâncias existem e quais apenas podem ser tratadas logicamente como substâncias sem sê-lo realmente? Podem anotar isto, porque 80% das discussões em Filosofia são exatamente sobre isto. O conceito de substância, tal como está explicado em Aristóteles, está bastante claro, porém, o fato de que nós possamos dar nomes a coisas que não existem, que nem são coisas e tratá-las como se fossem substâncias já nos cria um problema terrível. Se nós não pudéssemos fazer isto nós não teríamos pensamento abstrato, mas como nós podemos, segue-se uma série inumerável de confusões. Por exemplo, o sujeito usa uma palavra assim: a História nos ensina que...Opa! Espere aí! Ele está usando a História como um termo que designa uma substância. A qual substância corresponde exatamente este termo História?

É o conjunto dos conhecimentos que foram registrados pelos historiadores? Você não teve acesso ao conjunto do que os historiadores sabem, então como você pode dizer que a História ensina isto ou aquilo? Mas você pode se referir também não a História como ciência, mas como conjunto dos fatos sucedidos. Mas se você não conhece sequer a ciência história inteira, como você pode conhecer a história como conjunto dos fatos sucedidos? Em suma, qual é a substancialidade, ou não, da história? Existem filósofos que consideram que a história é a dimensão máxima onde tudo acontece, que ela é a suprema realidade, portanto, ela é a substância da qual nós somos atributos. Quando você vê as ações de um ser humano e as explica pelo que você acha que é o conjunto dos fatores históricos em jogo naquele momento e você vê que, por trás da explicação que o próprio sujeito agente dava para si mesmo com relação aos seus próprios atos, existe uma outra explicação mais profunda que ele não pegou, mas que era o sentido dos fatos históricos que o estava induzindo a agir desta ou daquela maneira. É como se houvesse uma substância chamada história, a qual tem consciência, a qual raciocina, a qual dá ordens e determina o curso da ação humana independentemente da consciência dos indivíduos. É o que Hegel chamava “a astúcia da história”. Você acredita que está agindo para esta ou aquela finalidade, mas existe um outro processo histórico mais profundo que você não [01:10] percebe, e que está levando os resultados das suas ações para outro lado. Então, a história passa a ser substancial e o pobre agente humano se torna totalmente

insubstantivo. Claro que eu não pretendo resolver este problema aqui. Eu só estou dizendo isto para ilustrar aquilo que eu disse há pouco: a maior parte dos problemas filosóficos se constitui de questões ligadas a substância. Por exemplo, Spinoza define a substância como: aquilo que existe em si e de per si sem necessitar de nada mais. Então, só tem um que atende a noção de substância, que é o próprio Deus. Deus é a substância e tudo mais são qualidades, atributos, estados etc., inclusive as nossa próprias pessoas. Mas um outro sujeito, como Ludwig Feuerbach, pode dizer que Deus é uma idéia que alguns homens tiveram para atender a uma necessidade deles e, depois, eles criaram esta idéia, ou seja, eles são a substância, e esse Deus é apenas um atributo, ou seja, uma ação que foi praticada por eles'; mas, depois, eles se enganaram e atribuíram substancialidade a essa idéia e se dessubstancializaram a si próprios. Daí vem a idéia da alienação, quer dizer, aquilo que lhe é próprio é alienado, é transferido a outro; a minha substancialidade transferida a uma ideia que eu criei chamada Deus. Aí temos um problema: quem tem razão, Spinoza ou Feuerbach? Deus é a única substância e tudo mais é qualidade, propriedade, acidente etc.? Ou, ao contrário, a existência é o processo da existência social e cultural na qual aparece uma idéia chamada Deus?

Do mesmo modo, nós podemos fazer essa pergunta com relação a dados da ciência. Uma partícula subatômica é uma substância? Ela existe como tal ou ela é apenas uma propriedade de alguma outra coisa? Nenhum físico do mundo sabe responder esta pergunta. Às vezes eles tratam como se fosse uma coisa e às vezes tratam como se fosse outra. Eu mencionei para vocês o fato de que a física quântica, que é a coisa mais avançada e mais perfeita que existe em ciência, não sabe se por trás daquele conjunto de probabilidades que eles tão bem observaram, mediram etc. Existe uma constante ou não? Se existir a constante, essa constante passa a ser ela o elemento substantivo. Só que essa constante é desconhecida, então os físicos quânticos que, por convicção própria são realistas, isto é, que acreditam na existência do mundo objetivo, continuam acreditando nisso porque eles acreditam em uma substância desconhecida. Aqueles que só acreditam no conhecido dizem: nada sabemos, tudo o que podemos saber é esse conjunto de probabilidades que estamos descrevendo aqui e não sabemos se tem alguma coisa por baixo disso ou se não tem, ou seja, não sabemos se isso é real ou irreal.

Esses dois exemplos bastam para ilustrar para vocês que a quase totalidade dos problemas discutidos em filosofia, inclusive em filosofia da ciência são problemas de substância. Inclusive, quando os indivíduos fogem dessa questão e querem adotar apenas uma atitude que eles chamariam de pragmática, ou seja, não interessa a substancialidade ou não das coisas, interessa só o que nós podemos fazer com elas, interessa as suas ações. Mas então as suas ações são substantivas, e o resto se torna atributo etc., etc. Ou seja, não tem para onde fugir. O problema da substância é o problema filosófico por excelência. Acontece que todas as demais categorias só fazem sentido se referidas a substâncias, mas se nós estamos em dúvida quanto a substância, também estamos em dúvida com relação a quantidade, qualidade, ação, paixão etc.

Nós não sabemos, efetivamente, quando olhamos o mundo inteiro da experiência que está diante, em torno e dentro de nós, o que é substantivo ali

e o que é apenas atributo. No entanto, nós temos a noção da substância e somos capazes de reconhecer algumas substâncias. Eu sei que um gato não é nem parte e nem atributo de outro gato, porém, ao mesmo tempo, eu sei que o gato não existe em si e de per si. Isso quer dizer que o critério que Aristóteles assinala para o reconhecimento de uma substância não permite, por si mesmo, graduar o que nós poderíamos chamar de substancialidade da substância. Por exemplo, este gato aqui é realmente uma substância ou o que é substância é a espécie gato, da qual este é uma aparência temporária? Vocês imaginam o que acontece quando você pega uma grande teoria científica e começa a analisá-la com critério filosófico suficiente, ou seja, com consciência da encrenca? Imaginem então o que aconteceria, por exemplo, quando você examina, sob este aspecto, um negócio chamado Teoria da Evolução? O processo evolutivo abrange a transcende as espécies, ou seja, elas estão todas submetidas a um processo evolutivo, ou, ao contrário, o processo evolutivo é apenas uma propriedade delas? Não adiante perguntar para Charles Darwin que ele não sabe disso.

Ele nem percebeu que esse problema existe. Do mesmo modo, quase todos os que discutem a Teoria da Evolução não percebem isso. Então, isso quer dizer que, nessas discussões científicas e discussões públicas, as pessoas estão jogando com conceitos cuja complexidade, cuja problemática elas não percebem, e isto é a causa do amadorismo filosófico. Se você está lidando com determinados conceitos e acredita que eles têm uma força explicativa, mas não percebe que eles mesmos requerem uma explicação que eles não podem fornecer, então você está recobrando a sua ignorância com uma aparência de certeza. Se nós dizemos que existe uma lei da evolução animal e, portanto, todas as espécies animais estão submetidas a ela, o verdadeiro personagem da história chama-se evolução, e não as espécies animais, as quais são apenas os instrumentos de que esta lei se serve para se manifestar. Basta este ponto para você ver como esse negócio é encrencado e porque a adesão ou negação da Teoria da Evolução é mais uma questão apenas de gosto ou preferência pessoal, porque ninguém sabe resolver este problema. [01:20] Isto na evolução tomada em todas as suas versões possíveis.

Quando nós entramos no terreno das teorias históricas, sociológicas, políticas etc., então aí a coisa vira um Deus nos acuda. Em geral, nessas discussões, o que nós estamos vendo é o uso de figuras de linguagem que expressam expectativas, anseios e sentimentos de certos grupos ou pessoas, mas cuja relação com a realidade da experiência é extremamente problemática. Eu já contei para vocês o que aconteceu comigo quando estava estudando Geometria no ginásio. Um professor explicou que um ponto não media nada, mas que, somando-se vários pontos, obtinha-se uma reta. Isso me deu vinte anos de problemas; mais problemas ainda porque o professor dizia que essas noções eram intuitivas. Com intuitivas ele queria dizer “eu não sei defini-las”. Para mim, intuitivo é tudo o que está claro, patente e auto-evidente pela sua simples presença; mas o intuitivo pode, às vezes, ser usado no sentido de não racional, ou não definível. Então, aquilo era intuitivo neste sentido, quer dizer, é misterioso, o que para significa exatamente o não-intuitivo, eu não estou intuindo nada. Eu voltei a ter esta mesma experiência inúmeras e inúmeras vezes em livros de ciências naturais e ciências humanas, ou seja, rarissimamente você vê alguém que está empenhado em entender realmente

o assunto do qual está falando. Isso não quer dizer que essa multidão de livros não contenha conhecimentos úteis, verdadeiros e até essenciais, mas, em primeiro lugar, como regra geral você deve considerar tudo isso como discurso poético. São figuras de linguagem para tudo quanto é lado: uma coisa quer dizer outra, que quer dizer outra, que quer dizer outra, e cujo sentido último evanesce, desaparece em névoas, e, no entanto, nós conseguimos mais ou menos nos orientar nesse mundo.

Uma tribo de índios que não tenha tido contato com a civilização científica não consegue se orientar no mundo com base naqueles mitos e lendas sobre a sua própria origem, que vêm junto com o mito sobre a origem do cosmos? Índios Xingu a história da terra sem mal. No céu, havia uma terra sem mal, abriu um buraco e nós caímos aqui. Todo objetivo da vida era voltar para a terra sem mal. É um esquema bastante simples, mas isso servia para orientá-los, de alguma maneira, no tempo e no espaço, e eles sabiam o que estavam fazendo ali. Se você pegar a totalidade das ciências que tem hoje, nós podemos dizer seguramente que não estamos mais orientados do que uma tribo de índios, porque a maior parte dos conceitos científicos que nós lidamos não são conceitos científicos, são figuras de linguagem. E a base de todo o progresso no conhecimento é, como dizia Eric Voegelin, você ir dessas figuras de linguagem, que são compactados de significados múltiplos, até uma percepção mais diferenciada das várias camadas de significados e a distinção daqueles significados que podem ser tidos como experimentalmente verdadeiros e outros que não são, ou seja, quando você descompacta o símbolo, você vê nele o que tem de discurso poético, de discurso retórico, de discurso dialético e de discurso analítico. O que sobrou de discurso analítico é, finalmente, uma parte que pode ser verificada cientificamente. Ah é? Parece que está ótimo, mas acontece que, como eu expliquei no livro dos quatro discursos, a quantidade de experiência humana diminui na medida que você vai passando de uma camada de discurso para outra, ou seja, aquilo que é formulável em termos estritamente lógico-científicos e, portanto, pode ser verificado na experiência é uma parcela ínfima da experiência; e na maior parte das coisas nós continuamos nos orientando poeticamente pela imaginação, exatamente como faz qualquer tribo de índios ou como fazia o homem de *neanderthal*.

Portanto, é absolutamente inaceitável, sob este aspecto, a idéia de um progresso do conhecimento. Existe um progresso do conhecimento e existe um progresso do esquecimento. Por exemplo, o sujeito que passou a vida praticando uma ciência e não tem noção de que está jogando com figuras de linguagem, nós podemos dizer que ele não sabe praticamente nada, porque se você não sabe qual o grau de credibilidade daquilo que você está dizendo, isso é exatamente o mesmo que não saber nada. Uma vez eu fiz esse teste com um grupo de alunos do Paraná: peguem o conjunto daquilo que vocês sabem e classifiquem nos quatro discursos. O que vocês sabem com certeza absoluta? Duas ou três coisinhas. O que você sabe com alto grau de probabilidade? Já aumentou um pouquinho mais. O que você sabe por verossimilhança, quer dizer, parece verdadeiro porque, em geral, as pessoas dizem que é verdadeiro? Aumento, é mais um monte de coisas. E o que é aquilo que é simplesmente possível? É maior ainda. Isso significa que, em todos os casos, o senso básico de orientação é o senso do possível, e é justamente aí, por incrível que pareça, que entra a lógica, porque a lógica é a estrutura do possível; do possível

considerado de maneira vazia, sem conteúdo. O que quer que aconteça, não será auto-contraditório em nenhum dos níveis de auto-contradição que nós podemos discernir pelo exame lógico. Mas você pode analisar qualquer sistema mitológico do mundo e você verá que ele não contém nenhuma contradição interna. Ele pode não conferir com a sua experiência; o mito diz que é assim mas você está vendo que é assado. Mas você não pode fazer esta comparação por quê? Porque você não sabe qual o nível de predicação que está no mito. Você nunca sabe exatamente do que ele está falando, então você não pode conferi-lo com nada.

Toda a crítica bíblica, feita por militantes ateístas, toda, sem exceção, não passa de uma tentativa de interpretar, com sentido unívoco, literal e material um discurso poético cujo sentido é ilimitado, ou seja, interpretar segundo o que São Paulo chamava “a letra” quando, exatamente, São Paulo está dizendo que não é para guiar-se pela letra. Mas existe um outro lado da coisa, você também pode pegar tudo que está contado na narrativa bíblica e transformar tudo em simbolismo e alegoria. Mas não é legítimo fazer isso porque alguns dos episódios que estão narrados lá têm testemunhos, e você sabe que eles sucederam na verdade, o que você não sabe é o significado deles. Então, é a mesma coisa que dizer que a Bíblia é uma narração que você não entende, e essa narração tem partes que são comprovadas historicamente, mas mesmo assim você continua não entendendo. Sobretudo o símbolo central, que é o símbolo da encarnação, é absolutamente impossível [01:30] de compreender. E no entanto, em todo o mundo das ciências nós não estamos numa condição melhor do que isto aí, porque afinal das contas, nenhuma ciência se propõe a dar inteligibilidade aos fatos que ela descreve. A própria inteligibilidade dos conceitos básicos de uma ciência é uma coisa altamente problemática. Então vamos partir para a última instância e dizer o seguinte: toda a ciência existente é uma tentativa de explicar, como diziam os latinos, *obscurum per obscurus*, uma coisa que já está obscura por outra que é mais obscura ainda.

Então, apesar de tudo isso, têm algumas certezas que você tem; primeiro, você existe; segundo, você existe num universo ilimitado. Esse universo ilimitado por sua vez bói dentro de um campo de possibilidades ainda mais ilimitado, todos nós sabemos disso. Isso é o que o Anaximandro chamava o *Ápeiron*. O *Ápeiron* é aquilo que está para além dos limites. Bem, se você perde por um instante sequer essas noções básicas, você não vai entender mais nada. De todas as noções que nós conhecemos, só existe uma a qual nós temos necessariamente de atribuir necessidade absoluta, seria o mesmo que dizer , validade científica em escala máxima, e essa noção é a do infinito. Não o infinito quantitativo, série dos números por exemplo; mas do infinito considerado como aquilo, que está para além de todas as limitações possíveis. Ninguém pode dizer que infinito não existe, esta aí uma coisa que é, é uma frase absolutamente sem sentido. O infinito não existe, então a totalidade do que existe tem um limite. Se tem um limite, é porque tem algo para além dela. Se não tem nada para além dela como é que você pode dizer que têm limites? Então, este senso da infinitude todo ser humano tem de algum modo. Mas ao mesmo tempo nós não temos a experiência de nada que seja infinito, tudo que nós conhecemos é finito de algum modo, aliás mais do que finito.

Aulas atrás eu me lembro de ter tido a vocês que tudo aquilo que nós conhecemos é sempre fragmento, você não tem uma percepção integral de nada, nunca teve, nem sequer de você mesmo; você só conhece por pedacinho, pedacinho, pedacinho, pedacinho. E ao mesmo tempo, tudo o que você conhece, você conhece como unidade, no sentido em que dizia John Duns Scotus: a unidade e o ser se convertem mutuamente. Quer dizer, existir é ser uma coisa e não duas. Uma coisa que é duas só existe enquanto duas, então não é uma coisa.

Daí nós temos a tensão primária em baixo de todos os conhecimentos humanos, a tensão entre o um e o infinito. Nós sabemos que o infinito não pode ser dois evidentemente, para ser dois precisava um terminar e o outro começar. E por outro lado, tudo que nós conhecemos tem unidade, e aquilo do qual você não possa predicar unidade, você não pode predicar existência. Você pode predicar existência de uma aparência. Essa tensão entre unidade e infinito, esta é a base da razão humana, é a capacidade que nós temos de nos movimentar entre esses dois extremos que nos permite distinguir uma coisa de outra coisa, classificar, catalogar, predicar, etc. Embora essa capacidade seja inata, ela seja presente em todo ser humano, isso não quer dizer que todo o raciocínio que você faça continue levando em conta este fundamento de todos os raciocínios. Quer dizer, o raciocínio humano tem por assim dizer, uma dinâmica própria, ele tem um ímpeto de prosseguir tirando conclusões e esquecer das premissas primeiras. Então quer dizer, nós podemos compor raciocínios inteiros que desmentem a existência de infinitude e unidade, e portanto, nós sabemos que estamos aí propriamente no erro. Ou seja, uma coisa que só pode ser...

[01:36 a 01:37 - Interrupção da aula]

Bom, voltando um pouco atrás, nós só temos a capacidade de abstração porque nós temos a capacidade da concreção. E aí nós precisamos entrar com outra dupla de conceitos, que é o que nosso Mário Ferreira dos Santos chamava de atualizações e virtualizações.

- Atualização é aquilo que está ocupando o foco da consciência neste momento;
- Virtualização é aquilo que é jogado para o fundo, mas que você não esquece totalmente.

Então, quando nós fazemos uma abstração, e nós separamos uma essência da individualidade existente que a manifesta, nós não a apagamos essa individualidade e não apagamos a multidão dos seus acidentes, nós apenas a virtualizamos. Quer dizer, atualizamos a essência pura e deixamos para o fundo os caracteres accidentais. A capacidade de em qualquer ser, ou situação, ou fato, você captar os caracteres essenciais permanentes, ela depende inteiramente de você captar exatamente o contrário disso. Quer dizer, a multidão confusa dos acidentes é extremamente necessária para que você possa destacar a essência, e de ter a certeza de que ao lidar com a essência pura você ainda está lidando com o objeto real. Esta tensão entre o abstrato e o concreto, essa aqui é a base de todo o método filosófico. Ora, quando você fez a abstração, para onde você jogou os outros dados? Você a tirou fora do foco da sua atenção lógica, mas eles permanecem em algum lugar,

permanecem na sua memória e imaginação. Então, trabalhar simultaneamente no nível das essências puras e no nível da memória e imaginação, de onde vem aquilo eu chamo o método da confissão. Você tem que confessar para você mesmo o que estava realmente presente no objeto do qual você abstraiu a essência, é só mediante a memória e mediante uma extrema fidelidade à memória que você consegue fazer isto.

[01:40]

Muito bem, eu acho que nós podemos passar a responder algumas perguntas. Quantas horas foram de aula? Vamos fazer um intervalinho, e vamos responder algumas perguntas, que hoje tem um montão.

Algumas perguntas são muito pertinentes ao que nós estamos dizendo hoje, embora as outras se refiram a assuntos das aulas passadas, como esta aqui:

Aluno: Quando nos deparamos com um objeto e não sabemos exatamente o que ele é, isso significa que não aprendemos a sua essência? Então somente aspectos do seu círculo de necessidade e aspectos acidentais, a sua forma inteligível?

Olavo: Muito bem, toda e qualquer simples apreensão apreende alguma essência. Não quer dizer, primeiro, que esta essência coincida com a essência daquela substância em particular; segundo, não quer dizer que apreenda toda esta essência. Você pode apreender por exemplo, um dado que pertença apenas ao gênero daquele ente sem a sua diferença específica; por exemplo, você vê uma máquina que você não sabe para que é, você diz, "Isto é uma máquina". O que é uma máquina? É o gênero ao qual aquela máquina pertence. Vamos supor que você errasse, apreendesse uma coisa totalmente errada, ainda assim seria uma essência. O termo, seja o termo interior, o verbo mentes ou o termo oral usado, ele sempre designa uma essência. Isso aí não tem escapatória. Agora, se esta essência é o de alguma coisa existente ou não, este é um segundo problema. E se é a essência daquela substância em particular considerada, este é um terceiro problema.

Aluno: Vimos que a lógica é a transposição do mundo da existência para o mundo da possibilidade e necessidade, e que todas as ciências não fazem senão buscar elos de necessidade entre conjuntos e condições e um fato. Para Aristóteles no entanto, parece que o conhecimento científico exige mais do que dizer que um fato segue-se necessariamente ao conjunto de condições. Exige saber que o conjunto de condições causa o fato. Onde entra essa noção de causalidade na tua explicação? (...)

Olavo: O que Aristóteles está procurando não é somente a causa, mas a causa necessária. Ou seja, uma condição que uma vez dada produz necessariamente uma determinada consequência. Se não é possível estabelecer a relação de causalidade necessária, bom, estabelece a de causalidade probabilística. Quer dizer, tal coisa dadas tais condições há uma probabilidade de que decorram dela certas consequências. Porém a probabilidade exige a quantificação. Probabilidade não quantificada é uma contradição de termos. Há uma probabilidade de algo por cento de que suceda isto ou aquilo. Se este algo não corresponda a um número, não corresponde a nada. O que é probabilidade? É

necessidade limitada. Isto quer dizer que, conhecer a probabilidade não é conhecer a necessidade, mas é conhecer a probabilidade enquanto necessária.

Na verdade, a frase não está muito exata, não é a lógica que transpõe a existência para o mundo da possibilidade, é a ciência que faz isso. A lógica é a estrutura do próprio mundo da possibilidade considerado em si mesmo. Dito de outro modo, o que as ciências no seu conjunto fazem é tentar elaborar um discurso lógico sobre os dados da experiência, e nesse sentido transpõe a experiência desde a simples realidade ou existência para o nexo de necessidade, seja necessidade absoluta ou necessidade relativa, isto é probabilidade. Não podendo fazer nem uma coisa nem outra, então vai ter que se contentar com uma verossimilhança. Muitas vezes não dá para você passar disso. De qualquer modo, a atividade cognitiva humana, tal como registrada nas produções da cultura, é sempre isto: você sempre está tentando articular dados da experiência de acordo com esquemas de, vamos dizer, com um critério de possibilidades. Isso aí vai desde a pura e simples possibilidade, como na ficção, onde Aristóteles diz que, por exemplo, se você constrói um drama histórico, ele não copia necessariamente aquilo que aconteceu, mas aquilo que poderia ter acontecido. Até para você escrever um livro de história, você supostamente lida somente com fatos e documentos, há uma série de elos que você não tem documentado materialmente, que você tem que estabelecer de algum modo, então você vai tentar estabelecer de uma maneira que lhe pareça no mínimo, no mínimo possível. Quer dizer, desde a mera possibilidade até a certeza absoluta toda a atividade cognitiva humana não está fazendo nada mais do que transpor os dados da experiência para a ordem da possibilidade. O que significa que a mente humana se sente mais a vontade no reino da possibilidade do que na realidade.

A mente humana é necessariamente lógica, e a simples transposição da experiência em narrativa, já é isso. Por exemplo, quando você cria uma simples ordem temporal. A ordem temporal da narrativa já é uma estruturação da possibilidade, porque você sabe que para acontecer uma coisa hoje tem que ter acontecido outra ontem, e que tudo o que acontece hoje terá alguma consequência amanhã. A simples ordem narrativa já é uma estruturação da possibilidade, já é um primeiro passo na estruturação lógica da realidade.

Aluno: (...) Segundo, vimos que a realidade é a realidade concreta, que é o real conjunto das coisas existentes, mas algumas formas de realismo filosófico parecem afirmar que as essências são mais reais que as coisas existentes, pois não têm o mesmo grau de transitoriedade destas....)

Olavo - Você precisa ver que para o Platão, aqui é uma referência à Platão, as formas eternas têm mais existência do que os entes comuns. Mas note bem, nós chegamos a captar as essências por abstração, mas não quer dizer que elas em si sejam abstratas. Para o Platão as formas são entes perfeitamente reais. Não podemos confundir o nosso modo de conhecê-las com o seu modo de existência. Por exemplo, se entendemos as formas como arquétipos na mente de Deus, elas existem eternamente, elas não existem por abstração nossa. Antes que o mundo existisse, essas formas já existiam. Quer dizer, é o conjunto do logos. O que quê é? É o esquema da possibilidade total objetiva, não da possibilidade tal como nós a compreendemos. E isto é exatamente o

que? A onipotência divina. A onipotência divina não é um conjunto de arbitrariedades; Deus poder tudo, não quer dizer que Ele pode qualquer coisa. Então, esses elementos que estão na onipotência divina para Platão, eles existem objetivamente, não são abstratos, nós é que o conhecemos por abstração a partir do ser singular. Isso responde a pergunta?

Aluno: (...) Três: Temos visto a crítica que pode ser feita à ciências modernas pelo fato de estarem à margem, afastadas da realidade concreta, da substância e formas individuais. Os adeptos da chamadas ciências tradicionais por outro lado, criticam as ciências modernas por um outro lado, pelo fato de estarem afastadas do mundo arquetípico dos princípios metafísicos fundamentais. Como as duas críticas se articulam?

Olavo: Bom, sob um certo aspecto são a mesma crítica, no fim das contas. Porque nós vimos que o conhecimento da realidade concreta é aquele que todos os seres humanos têm, e que é comum entre nós, uma tribo de índio e o homem neanderthal. Toda esta ciência simbólica que foi criada, toda a ciência dos símbolos criada pelas antigas civilizações não passa de uma tradução poética dessa experiência fundamental da [01:50] realidade concreta. E é aí que vão falar dos arquétipos, dos princípios metafísicos fundamentais, etc. Quer dizer, nós não podemos dizer aquilo, por exemplo que René Guénon chama de ciências tradicionais, ele não corresponde exatamente a essa experiência do mundo concreto, mas ele é, por assim dizer, uma primeira tradução do mundo concreto. Em todas as civilizações mais antigas, quanto mais você remonta no tempo, pode haver elementos da cultura que não estejam presentes, mas a narrativa sempre está. A narrativa e os símbolos sempre estão.

Agora, o processo de abstração, como eu disse, pode ser conduzido de duas maneiras. Pode haver uma espécie de independência das essências, elas proclamam a sua independência em relação ao mundo real; e pode haver a abordagem tensional, que sempre está transitando entre uma coisa e a outra. O problema realmente acontece quando as essências começam a ser tratadas como coisas, isso acontece com uma frequência assustadora. Vejam o número de autores que tratam, por exemplo, a história ou as estruturas, como se fossem substâncias e o resto tudo apenas atributos. Pode-se fazer isso, não é totalmente ilegítimo fazer isso, desde que você saiba os elementos de contradição e de tensão que estão ali embutidos, senão a coisa vira uma auto-hipnose.

Aluno: No que se refere a simples apreensão ficou claro pelas outras explicações, que ela capta tão somente a forma substancial da coisa apreendida. (...)

Olavo: Nem sempre é da coisa apreendida. Ela capta uma essência, ou seja, uma forma substancial de alguma coisa, que pode ser, vamos dizer, aquela coisa em particular, pode ser a espécie da coisa, pode ser apenas o gênero dela ou pode ser alguma outra coisa parecida. Pouco importa se a simples apreensão não apreender nada de real, ela ainda assim apreenderá alguma essência. Se não apreendeu essência, então não há a simples apreensão. E a essência é o que se transmite, se condensa no conceito e se expressa no termo.

Sendo que, nas próximas aulas nós vamos ver a classificação dos termos. Em todas essas coisas lógicas o começo é sempre mais difícil, porque, para trocar a coisa em miúdos, você precisa ter os conceitos divisivos que você vai aplicar para isso, mas nós não temos ainda. Então tem sempre que começar com uma impressão geral, obscura, depois que isso vai... O Mário Ferreira dos Santos diz: primeiro você tem uma apreensão sintética confusa, depois você tem um desdobramento analítico e depois você tem uma nova síntese distinta, onde as partes componentes estão articuladas entre si. Mas temos que parti daí. Se não temos a primeira impressão confusa, não temos nada.

Aluno: (...) À primeira vista, então, a simples apreensão parece relacionar-se à identidade da coisa. (...)

Olavo: Sim. Em princípio. Mas às vezes a identidade não é da coisa, a identidade é só de uma essência que você pensou.

Aluno: (...) Pelas explicações que nos senhor deu posteriormente, parece também estar claro que a identificação não se refere apenas à espécie ou ao gênero que a coisa apreendida pertence, mas à própria individualidade desta. (...)

Olavo: Sim, também. Mas isso aí só vai ficar claro quando eu explicar a divisão dos termos. Por exemplo, o termo singular e o termo comum, que são coisas que não coincidem com as noções gramaticais designadas pelas mesmas palavras. Por exemplo, você pode designar uma entidade singular cujo nome você não conhece, por exemplo, você dizer "esta pessoa aqui", isto em lógica é um termo singular. Agora, gramaticalmente é uma mistura, tem aí um pronome, um substantivo, etc. Mas em lógica isso tudo é um termo. Se você souber o nome, por exemplo, você diz "Pedro", "José", "Joaquim"; é um termo singular. Sim, mas acontece que existe uma infinidade de José, de Pedro, etc. Então, Pedro pode significar primeiro um nome, pode designar uma pessoa chamada Pedro, ou várias pessoas chamadas Pedro. Ou pode significar um sujeito indeterminado, quando você quer fazer um silogismo, você diz, "Todo homem é mortal, Sócrates é homem", você não está se referindo a Sócrates historicamente existente, é um Sócrates qualquer que podia se chamar Zezinho. Então calma aí, que quando nós entrarmos na classificação dos termos, isso tudo ficará muito mais claro do que está agora. Porém ficará claro operacionalmente só, porque cada um desses conceitos da lógica tem problemas embutidos.

Aluno: (...) Por exemplo, a simples apreensão da minha tia Joana permite que eu perceba que se trata da minha tia Joana e não apenas de uma mulher, de um ser humano ou de ser vivo. E aqui surge a dúvida: Como explicar em certeza que se possa ter sobre a identidade de alguém? Considere-se o caso do encontro entre dois ex-colegas de escola na rua em que um deles não reconhece o outro. Aquilo que não foi reconhecido mostra algum sinal físico singular, como cicatriz ou marca de nascença, ou mesmo o RG, e só então é identificado pelo outro. (...)

Olavo: Quando você viu o sujeito e não o reconheceu, alguma coisa você apreendeu. Você apreendeu: isso aqui é um ser humano. Está aí uma essência. Não coincide com aquela essência singular, mas apenas com o gênero dela. Em todos os casos, o produto da simples apreensão é uma essência. Agora, o que eu disse desde o início é que a simples apreensão não é simples de maneira alguma, inclusive por isto.

Aluno: (...) Quanto ao juízo e a proposição, minha dúvida é a seguinte: quando considerada como sentença parece evidente que a proposição não pode ser verdadeira ou falsa, mas isso já não parece tão evidente quando a proposição é entendida como o sentido de uma sentença. (...)

Olavo: Isso aí eu já disse, não existem proposições verdadeiras ou falsas. O que existe é o juízo verdadeiro ou falso. O que é o juízo? É aquela segunda sentença que interiormente você compreendeu a partir da primeira. Uma proposição em si não tem sentido você disser que é verdadeira ou falsa. Isso aí Aristóteles está montado na razão, só existe verdade no juízo. O que é o juízo? É o que você entende da proposição.

Aluno: (...) Não seria nesta última acepção que os lógicos estariam afirmando que a verdade ou a falsidade são atributos da proposição?

Olavo: Sim, mas eles deveriam usar a palavra “juízo”. Se você faz – como em lógica moderna se faz – “tabela de proposições verdadeiras”, são proposições tomadas hipoteticamente como verdadeiras. Você tomar uma proposição hipoteticamente como verdadeira é uma coisa; ela ser verdadeira é outra, mas ela não pode ser verdadeira, porque depende de como você vai entendê-la. A lógica, quanto mais se aperfeiçoa, mais se torna uma espécie de pensamento coisificado que só lida com elementos hipotéticos. A lógica é o mundo da possibilidade, portanto é o mundo das hipóteses, e é, precisamente, isso aí que pode criar um vício mental terrível.

Aluno: Conheço toda a obra do Wittgenstein, com exceção da Filosofia da Matemática, e concordo com quase tudo que compreendi de seus escritos.

Olavo: Eu também concordo com quase tudo que o Wittgenstein disse; eu só acho que não tem importância. Essa é a diferença. Não tem nada errado ali – está tudo lógico, tudo bem arrumadinho, mas eu leio aquilo e digo: “E daí?” Mais tarde poderemos examinar o Wittgenstein.

Agora tem uma advertência que eu quero fazer aqui desde já: é claro que no meio das explicações que estou dando, eu sempre tenho que usar alguns exemplos e posso me referir a um autor, a uma idéia ou a uma coisa qualquer e emitir uma opinião a respeito. [02:00] daquilo Minha opinião pode ser justa ou injusta, certa ou errada, verdadeira ou falsa – não é ela que interessa no momento. Então você não tem porque concordar com tudo o que estou dizendo e nem discordar de tudo o que estou dizendo ou de partes do que estou dizendo. O concordar ou discordar não entra nesta parte da história. Por enquanto você tem é que entender e absorver aquilo profundamente. Mais tarde é que você vai ver se concorda ou discorda, haverá tempo para isso. Eu estou tentando transmitir uma série de instrumentos — na primeira parte

foram instrumentos de ordem psicológica e moral, agora entramos na parte de instrumentos lógicos, mais tarde, em instrumentos epistemológicos, metafísicos, ontológicos, etc. — para que mais tarde nós possamos ter discussões que sejam úteis. Então para isso é absolutamente necessário que vocês desistam das discussões inúteis.

Por exemplo, eu tenho um amigo aqui que se chama John Haskins. Ele vive me telefonando e perguntando o que acho disto ou daquilo — ele tem muito respeito pela minha opinião, mas isso supõe que eu tenha alguma opinião — e quando eu não tenho, ele fica me empurrando para criar uma. Outro dia até fiquei bravo com ele e disse: "Olha, John, vou dizer como funciona a minha cabeça: ou eu pego uma questão para examiná-la seriamente e chegar a uma conclusão e pelo menos ter alguma dignidade intelectual, ou simplesmente não penso no assunto". Portanto se ele me perguntar o que acho disso ou daquilo, na maior parte dos casos digo que não acho nada. Ou posso dizer que tenho uma opinião, mas a minha opinião não vale nada, ela vale o mesmo que de qualquer outro porque é apenas uma opinião. Se tudo o que eu tiver a emitir a respeito de um determinado assunto for uma opinião e disser que é apenas uma opinião, então pode ter certeza que aos meus próprios olhos a minha opinião vale tanto quanto a de qualquer Zé Mané. Agora, se eu disser: "Aqui não é uma opinião, eu examinei esse negócio e tem aqui no mínimo, no mínimo, uma hipótese cientificamente defensável" — aí vou querer que prestem atenção no que estou dizendo — Mas, por exemplo, sobretudo em questões de religião (quando levantam uma discussão católica ou protestante, etc.), meu filho, se eu for fazer o índice das questões que têm aí, só de olhar o índice eu já fico com medo. Tem algumas que examinei, uma aqui, outra ali — examinei para ler.

Por exemplo, quando discuto com um protestante, eu sei que a teoria da *Sola Scriptura* está cem por cento errada. Hoje em dia, a maior parte dos protestantes nem defende isso mais, os evangélicos nem ligam mais para isso, mas quando Lutero proclamou isto aí, bem, o que ele está dizendo é uma impossibilidade pura e simples, porque o Evangelho foi escrito quarenta ano depois dos acontecimentos. Se não existisse a continuidade da Igreja durante isso, não teria existido Evangelho nenhum! Portanto se a Igreja não tem autoridade, então o Evangelho também não tem autoridade, ele é uma expressão da autoridade da Igreja. Inclusive da autoridade de reproduzir fielmente a Palavra exata do Nosso Senhor Jesus Cristo. Então a teoria da *Sola Scriptura* não quer dizer nada, é um *flatus vocis*, uma coisa que o sujeito falou só porque estava bravo.

Lutero, às vezes tinha uma explosão de vez em quando, e falava uns absurdos como, por exemplo, no dia em que reclamaram que, na sua tradução, ele tinha pulado uma frase — e era uma frase importante — O que é que ele respondeu? Ele não se corrigiu nem defendeu o que tinha feito, ele ficou bravo, deu um murro na mesa e falou: "Quer saber? Vai ficar assim mesmo!". Isto não responde nada, evidentemente — isso aí eu também falo de vez em quando: quando não tenho resposta, mando o sujeito para aquele lugar e pronto, acabou. Acabou a discussão, não é uma resposta, é liquidar a conversa — Lutero liquidou a conversa e até hoje está assim a tradução. Eu sei disso porque esta questão eu examinei, fui lá ver como é que foi a coisa e aí pensei,

pensei, falei: "não vai dar". Quer dizer, que a autoridade da Igreja está subentendida em cada linha do Evangelho. O que não significa que eu esteja preparado para enfrentar e defender o ponto de vista católico numa discussão com um protestante — mas de jeito nenhum, nem que a vaca tussa, não tenho capacidade para isso de jeito nenhum! Porque, para isso eu precisaria ter estudado não uma questão, mas mil com a mesma atenção, ou seja, se tivesse uma vida praticamente dedicada àquilo.

O que estou tentando desenvolver em vocês é o senso das dificuldades e possibilidades de um conhecimento efetivo. E isso demora algum tempo, você só tem a noção geral da coisa, mas precisa incluir uma série de instrumentos. Esses instrumentos ainda estão sendo fornecidos. Então, pra que gastar o seu tempo concordando ou discordando com alguma opinião que eu dei? Guarde a sua opinião por enquanto, coloque ela lá na gaveta, um dia você examina seriamente se puder. Se não puder então diga: "ele tem uma opinião, eu tenho outra, mas a minha vale tanto quanto a dele, quer dizer, eu não sei, ele também não sabe e tudo o que nós temos é um ponto de interrogação". Agora, o nosso ideal é que todas as questões verdadeiramente essenciais que a gente tocar aqui no curso, venham um dia a ser examinadas por cada um de vocês com toda a seriedade que puderem.

O meu objetivo aqui, como eu disse, não é o de passar uma doutrina, estou é tentando qualificar pessoas. Porque eu não acredito que, na verdade, alguma doutrina contenha conhecimento. O que contém conhecimento é a consciência humana. Então, vejam: quando Moisés subiu ao alto do Sinai, o que Deus deu a ele? Um texto. Parece que não funcionou. Na outra vez o que ele fez? Ele veio não como livro, veio como pessoa, veio pessoalmente. Acho que isto aqui é uma lição que a gente não deve esquecer. A origem, o centro, o topo da nossa civilização, não é um livro, não é um escrito, não é uma doutrina, é uma Pessoa. E pouco importa se você é cristão ou não, dá na mesma. Continuamos vivendo dentro de um círculo cujo eixo é uma pessoa. Também, acho, que a educação deve ter em vista isto: qualificar pessoas, fortalecer pessoas. E não simplesmente meter uma idéia na sua cabeça. Pra que me serve meter a minha idéia na sua cabeça? Às vezes eu mesmo ponho idéias na minha cabeça e depois jogo fora...

Aluno: (...) Se é assim, segue-se outra dúvida: parece claro que as palavras têm um campo de significação não-arbitrário, porque de outra forma não haveria comunicação possível entre as pessoas. (...)

Olavo: Haveria, sim. Vamos supor que o sentido de todas as palavras fosse arbitrário, como pressupõe o Ferdinand de Saussure no *Curso de Lingüística Geral*. As palavras podem ser arbitrárias, mas a referência delas no mundo real não pode. Agora, o que não é possível é, ao mesmo tempo, você afirmar a arbitrariedade do signo e afirmar a independência de todo texto, ou de todo discurso em relação ao mundo da experiência, isso não é possível. Os herdeiros do Ferdinand de Saussure fazem isto: por um lado os signos são arbitrários, por outro lado os textos não se referem a nada fora deles. Então não dá, meu filho! Porque daí não há suporte nenhum para você entender nada. Mesmo porque, Ferdinand de Saussure também diz que o sentido de uma palavra é, lingüisticamente, apenas a diferença entre ela e todas as outras. Mas a

diferença entre um ser real e outro ser real não é somente constituído das diferenças entre um e outro, mas cada um deles tem de ser alguma coisa. Se você quiser fazer essa experiência, entre num restaurante e peça um bife. Se o garçom servir apenas a diferença entre um bife e os demais elementos do cardápio, você não comerá nada. Você precisa de um bife que tenha uma substantividade, e não apenas uma diferença.

Então nós conseguimos entender a diferença entre uma palavra e outra porque entre uma palavra e a outra existe um mediador que se chama: a realidade do mundo. Mas só por isso que nós entendemos algo, senão a língua seria impossível. Então a realidade, a experiência, é o suporte em cima do qual mesmo uma linguagem constituída toda de termos [02:10] arbitrários poderia funcionar, contanto que houvesse recordações comuns dos elementos do mundo exterior aos quais as palavras remetem (eu não acho que todas as palavras sejam arbitrárias). Então no *Crátilo*, Platão cria essa discussão e chega mais ou menos a esta conclusão: às vezes é arbitrário, às vezes não é arbitrário.

Daí prossegue aqui:

Aluno: (...) Se o sentido de uma sentença é dado por uma mescla de fatores externos e internos, como dizer que a verdade da sentença depende exclusivamente da consciência do receptor da mensagem?

Olavo: Mas é justamente porque ela capta esses fatores externos e internos! Assim quando eu digo que depende da consciência do receptor da mensagem, bem, de certo modo eu estou fazendo uma elipse. É claro que, a verdade da proposição também está na consciência do emissor. Mas a proposição que foi emitida não é necessariamente igual àquela que foi captada. Só quando elas forem iguais é que você poderá saber se houve verdade ou não. É por isso que eu digo que está na consciência do receptor. Porque a do emissor já está pressuposta. Esta aqui é interessante:

Aluno: Tomando um exemplo que o senhor deu na aula a respeito da prova ontológica tal como analisada por Kant, imagina-se que Sto. Anselmo tivesse antecipado o erro kantiano e formulado a sua prova com a qualificação de que as expressões por ele utilizadas deveriam ser entendidas não como conceitos, mas como símbolos de intuições concretas. Isso não restringiria a liberdade interpretativa de Kant?

Olavo: Claro, sim. Mas acontece que no tempo de Sto. Anselmo ninguém jamais pensaria numa hipótese dessas. Porque todo mundo ainda estava acostumado à crença de que os termos se referem a conceitos e os conceitos se referem a entes, ou a qualidades de entes. A idéia de uma lógica totalmente formal, totalmente separada, não tinha ocorrido a ninguém. Isso vai ocorrer com Pedro Abelardo, depois. Pedro Abelardo e Guilherme de Ockham. Acontece que qualquer termo lógico tem necessariamente esses dois aspectos, tem a referência a um ente mas ao mesmo tempo também é um ente. Um ente mental, criado por você. Então conservar a referência ao ente concreto ou esquecer-se dela é uma simples decisão pessoal, você pode olhar para um lado

ou olhar para outro. Só que até então, ninguém tinha tido a idéia de fazer isso, porque iria-se perguntar: mas pra que fazer isso? Que vantagem Maria leva?

Aluno: Wittgenstein não defendia o programa logicista da construção de uma linguagem logicamente perfeita para ser utilizada na filosofia. No Tractatus... ele defende que tal linguagem seria apenas um conjunto de tautologias...

Olavo: Sim, sim, sim, exatamente! Wittgenstein, Russell e Whitehead estiveram discutindo isso por muito tempo e, de fato, o único que continuou nesta linha por mais tempo foi o Russell, que acabou desistindo. Wittgenstein e Whitehead logo viram que não ia dar.

Já a pergunta sobre a simples apreensão é essa aqui:

Aluno: Se vejo uma radiografia, vejo apenas um plástico preto com manchas brancas. Um médico vê a imagem de um pulmão. Não sei o que um índio veria. Nesse caso, não aprendemos a apreender? (...)

Olavo: Sim, sem sombra de dúvida! Mas de qualquer modo, na hora que você viu um plástico preto, isso não é uma essência? Sim! Mas essa essência não está expressando o uso preciso que aquele plástico tem dentro de uma determinada técnica. Então, seja qualquer indicador científico, qualquer dado científico obtido através de um equipamento, ele nunca é um traslado direto de um fato. Entre o fato e o indicador obtido pela máquina, você tem a mediação de uma teoria inteira. Por exemplo, a própria radiografia. Se não houvesse toda a teoria sobre a radiação, não poderia haver radiografia. Isso quer dizer que a radiografia não é um indicador direto, nem mesmo a fotografia é!

A arte da fotografia só se desenvolveu depois de certas descobertas em óptica. E se você tirar isso aí, bem, a ligação entre uma fotografia e o objeto não é tão óbvia assim. A fotografia é um negócio plano e você vai ter que projetar ali as leis da perspectiva, que não são exatamente as da perspectiva de Giotto, mas uma perspectiva infinitamente mais complexa. Quer dizer, uma fotografia, de certo modo, ela é lida. Pelo fato de que você a lê muito rapidamente, não quer dizer que ela seja uma percepção intuitiva. O que se intui na fotografia é apenas um pedaço de papel, ou uma imagem numa tela. O que está mostrado, o objeto que está mostrado nela, nunca é percebido diretamente. Mas seria um absurdo, porque se fosse percebido diretamente, não haveria diferença entre um elefante e uma fotografia de elefante! Mas isso qualquer pessoa sabe, não é?

(Às vezes confunde. Dizem que no primeiro filme que foi projetado numa sala de espetáculo, que era aquele *Assalto ao trem pagador*, ou alguma coisa assim, tem uma cena que o trem avança de frente, na direção da platéia, e diz que um bocado de gente na platéia saiu correndo. Então isso é o contrário, é um realismo excessivo).

Aluno: (...) No caso da radiografia, a simples apreensão me mostra o quê? Apenas o plano preto com as manchas brancas?

Olavo: Precisamente! É isso o que você está vendo, a primeira essência que você apreende é esta. O estado dum pulmão, bem, ele não é uma simples apreensão, você tem toda uma interpretação, uma seqüência de juízos subentendidos, um discurso inteiro subentendido.

Aluno: Na penúltima aula o senhor comentou que já se pode perceber em Abelardo e na Lógica de filosofia da linguagem do mesmo um certo afastamento em relação à percepção do real, caindo em certos jogos de palavras desconectadas com a realidade...

Olavo: Bom! mas acontece que os conceitos e termos também são realidades, não é? Eles também existem e é uma questão de para onde você dirige a atenção. Quando disse há pouco que a quase totalidade dos problemas filosóficos são questões de substância, é exatamente do que está tratando Abelardo. As espécies que se expressam, portanto, nos termos gerais que as designam, são substâncias ou, ao contrário, só são substâncias os entes individuais percebidos pelos sentidos? Então é claro que esta pergunta não tem solução. Porque os dois aspectos estão relacionados de uma maneira tensional. Por um lado, o ente individual pode-se dizer que pertence absolutamente à espécie porque nenhum dos traços da espécie lhe faltam. Mas ao mesmo tempo ele não pode manifestar nele mesmo toda as possibilidades da espécie. Também é um fato da natureza comum, e que todo mundo sabe, que esses animais e as plantas nascem uns dos outros, eles não aparecem sozinhos. Então basta esta observação para você ver que a realidade substantiva não pode se reduzir ao ente singular. Porque senão a sua condição de existência também teria que ser dada nele próprio.

Aí nós voltamos logo ao problema do Spinoza, que somente Deus é uma substância. Em sentido estrito e absoluto, sim, todas as outras substâncias tem uma existência [02:20] problemática e é justamente este caráter problemático, tensional e até paradoxal da substância nunca pode ser esquecido. A existência da substância "este gato individual" é problemática e a da espécie "gato" também é problemática e uma requer a outra, elas se apóiam mutuamente e ao mesmo tempo se repelem mutuamente. Quer dizer que você proclamar um realismo absoluto e dizer: "a espécie existe em si mesma", bem, me parece que em certas versões do evolucionismo essa noção está ali subentendida. A espécie tem certas propriedades em si mesma, e os indivíduos não fazem senão manifestá-las.

Aluno: (...) Antes de iniciar os estudos de nosso curso eu andei lendo Pedro Abelardo e me lembro de que na época eu percebi os estudiosos deste autor tenderem a escrever sobre dois Abelardo diferentes em um só. Ou seja, um que tratava da lógica e outro que tratava da ética. Fazendo meu novo necrológio, percebi algo que não havia visto na época, ou seja, o Abelardo lógico é justamente isso que você falou: um jogo de linguagens certo da preocupação com o convencimento lógico simplesmente, a vitória nos debates sob o auspício das regras lógicas; enquanto o Abelardo que tratava da ética no seu Conhece a ti mesmo estudou temas do seu tempo, como os prelados iníquos, a questão da intenção e do consentimento, a maneira de encarar a morte diante dos prazeres físicos, etc. Ora, será essa dupla forma de estudar as coisas, por um lado sendo lógico com intuito de convencimento da platéia

na filosofia da linguagem e, na ética, falando de problemas reais do seu tempo, não se enquadra em algo parecido com a dicotomia da paralaxe cognitiva? (...)

Olavo: Mas é claro que é! Isso aqui é paralaxe cognitiva! Abelardo não pode na sua ética, na sua psicologia e na sua teologia ser totalmente fiel à sua concepção da lógica. É impossível. Aliás, a paralaxe cognitiva sempre resulta numa proposta filosoficamente irrealizável. Não é que ela esteja errada em si mesma, é que não dá para realizá-la! Então eu acho, por exemplo, que a proposta filosófica de Abelardo e de Ockham seja irrealizável. Eu acho que a proposta de Kant é irrealizável, acho que a proposta de Augusto Comte é irrealizável e assim por diante. É uma coisa que eles podem dizer mas não podem fazer. Mas se eles dizem que vão fazer uma coisa, mas essa coisa é impossível, eles acabam fazendo uma terceira coisa, que eles mesmos não sabem o que é!

Eu já dei no próprio *Jardim das Aflições* esse exemplo. Karl Marx diz: "Vou desenvolver aqui uma filosofia materialista", mas cadê matéria? A natureza só entra na filosofia dele como matéria-prima da ação humana. Então o fundamental ali não é a matéria e sim a ação humana desenvolvida sobre a matéria. Então a verdadeira substância ali é o ser humano! A natureza entra apenas como atributo – mas isso aí não é materialismo! Ele diz que vai fazer uma coisa mas faz outra! E todas as tentativas de dar ao marxismo uma substância efetivamente materialista como, por exemplo, o Engels fez na *Dialética da Natureza*, pioram a coisa formidavelmente, porque esse é o livro mais idiota que um deles escreveu! Ele vem dizer que uma planta cresce porque "há uma contradição entre a semente e a terra. A semente é a tese, a terra é a antítese e planta é a síntese" – mas que coisa mais imbecil!

Aluno: (...) Será que Abelardo não seria tão culpado assim e teriam sido os estudiosos de Abelardo, esses sim tomados por uma Paralaxe Cognitiva, que racharam o Abelardo ao meio? Tomando como se fosse duplo (...)

Olavo: Não, essa duplicidade está no próprio Abelardo mesmo. Acho que não tem como escapar disso aí. Não dá para tratar desses assuntos partindo de uma filosofia nominalista, é impossível.

Aluno: (...) que o estado não pertence à natureza da coisa já que natureza é aquilo que faz tal coisa ser o que é, enquanto o estado é uma condição circunstancial e não serve para definir coisa alguma, por exemplo: o estado do gato deitado. Mas poderíamos dizer que um determinado ser só pode assumir determinado estado se e somente se a sua substância assim lhe permitir. (...)

Olavo: Certamente. Isso aí eu já mencionei em aulas anteriores: você tem um círculo de accidentalidade que é compatível com a essência, porque se não for compatível não acontece. Por exemplo, um gato pode virar um tamborim, mas ele não pode virar Papa.

Aluno: (...) Em outras palavras, a substância de determinado ser deteria a potencialidade e viria atualizar-se em certo estado (...)

Olavo: Perfeitamente! Mas é a espécie de pressentimento desse círculo de potencialidades que eu chamo de círculo de latência. Se você perder de vista o círculo de latência, então você está lidando com a essência pura como se ela fosse a individualidade real.

Aluno: (...) Assim a potencialidade deteria uma realidade menos suficiente mas que, de certo modo, se relacionaria à substância quase confundidos com a sua própria definição. (...)

Olavo: Perfeitamente. Quer dizer que todas as propriedades de acidentes estão subentendidos na definição como possibilidades. Lembre o exemplo que eu dei: quando você vê o cachorro na rua, sabe que ele pode ficar deitado, que ele pode latir, pode rosnar, pode sair correndo atrás de você e pode não fazer nada. Se você não souber nada disso, como é que você vai saber que é um cachorro? Não haverá diferença entre a percepção de um cachorro e a percepção de uma fotografia de cachorro? Se você percebeu que é um cachorro, é porque você percebeu o círculo de latência e não apenas a essência. Por que ser cachorro é o quê? Entre outra coisa, é poder fazer tudo isto. Não é somente pertencer a uma determinada espécie. A não ser que você defina a espécie como a espécie dos seres que têm a capacidade de fazer tudo isto.

Aluno: (...) Podemos dizer, por exemplo, que o estado de estar voando pode por si mesmo ser próprio de um gavião e de um urubu, já que a substância de ambos detêm a possibilidade de atualizar-se assumindo este tal estado. Mas a mesma coisa não seria possível para uma estátua, ou seja, voar não é uma potencialidade da substância estátua.

Olavo: Então o que eu muitas vezes me perguntei é quanto desse círculo de latência é necessário você perceber para você poder identificar uma substância. Eu acho que é bastante coisa. Por exemplo, eu já me perguntei uma vez: o primeiro gato que você vê, tem uma cor – ou ele é preto, ou branco, malhado, rajado, alguma coisa. Como a cor não é uniformemente chapada, mas ela tem nuances, na própria cor de um gato já está insinuada a possibilidade de outras cores dentro de uma certa gama de variações que se harmonizam com aquela forma de algum modo. Então você não precisa ter visto gatos de todas as cores para você supor uma imensa variedade de bichos semelhantes que você também chamaria de gato. E isso tudo está dado na percepção do primeiro gato! Porque senão, ao ver um gato preto, você só tem o conceito de gato preto. Como você poderia separar a essência do estado, da qualidade, etc, se você nada soubesse do estado dele, da qualidade, de coisa nenhuma? Não é possível! Então, quanto você precisa saber de todas essas coisas? Eu não sei qual é o limite, mas eu sei que é um bocado de coisa.

É preciso ver que o ato da abstração não deve ser levado tão a sério assim. Quando, por exemplo, deixa eu dar aqui uma menção (aí no livro do François Chénique): "A abstração total é aquela que considera a essência no sujeito e com o sujeito mas sem as condições individuantes." Como é que é isso? Pensem bem nesta frase. Eu olho o gato e estou pegando a essência, quer dizer, aquilo que aquele gato terá de comum com outros gatos [02:30] inumeráveis eu não estou considerando esta essência separadamente, estou

considerando naquele gato, mas sem levar em conta as condições que o diferenciam de outros gatos. Mas como eu posso separar essas condições se eu não as levo em conta?

Quer dizer, o ato de abstração é um ato tensional, não é uma coisa simples, você simplesmente separa e não leva isto mais em conta. Você não separa: você virtualiza. Quem disse a coisa certa foi o Mário Ferreira [dos Santos], você atualiza uma coisa — ou seja, a põe na frente e deixa outra coisa no fundo, mas sabendo que ela está lá. Assim como as pessoas que você está olhando, você somente as vê pelo lado que elas estão: se elas estão de frente, você as vê de frente; se estão de costas, você as vê de costas, o que não quer dizer que quando está de costas, a parte da frente sumiu e quando está de frente a parte das costas sumiu. Você conserva esta consciência dos aspectos virtualizados, e é por isso que você consegue lidar com os conceitos abstratos, senão você faz uma confusão miserável.

Agora, no instante em que eu formalizo isso e a transformo, por exemplo, numa linguagem de computador, aquilo que na prática do conhecimento humano é virtualizado passa a ser realmente eliminado.

Aluno: Neste sentido, podemos dizer que o estado, apesar de não ser parte da substância, estaria presente nela como potencialidade, mas, estando presente nela, não seria elemento fundamental para a própria definição a se construir?

Olavo: Certamente! Eu falei que, se você não conhece esta potencialidade, como é que você vai separá-la da essência, para considerar somente esta última? Não é uma questão de separação, é uma questão apenas de foco; uma distinção, e não uma separação.

Aluno: É correto dizer que o juízo, no sentido estrito do termo, decorre da aceitação consciente e responsável de um dos múltiplos juízos embutidos já na simples apreensão?

Olavo: Sim, certamente. Veja, se você separa uma essência dos estados e das qualidades, etc., você já está implicitamente afirmando a existência destes estados; quer dizer, uma simples apreensão contém, na verdade, um discurso inteiro! Não é pelo fato de que você realiza isto instantaneamente que a coisa é realmente simples. Agora, mediante a análise do conceito, depois você pode, por assim dizer, “desembutir” estes outros aspectos e verificar, por exemplo, que estas várias possibilidades que estão ali não são planas e chapadas, não estão todas no mesmo plano; as potencialidades de um ente qualquer têm uma distribuição hierárquica e, ao mesmo tempo, guardam uma série de relações entre si.

Por exemplo, se realiza-se a possibilidade “x”, exclui-se a possibilidade “y”: um gato não pode estar caindo do telhado e deitado no sofá ao mesmo tempo; as duas coisas podem lhe acontecer, mas não ao mesmo tempo. Outras coisas não podem acontecer no mesmo lugar e outras que não podem acontecer com a mesma intensidade, e este conjunto é hierárquico. Ao analisar um conceito você vai puxar tudo isso de dentro dele, você vai aumentar as notas definitórias do conceito — investigaremos depois a questão das notas. Qual é o

número mínimo de notas de que você precisa para fazer uma abstração bem-feita? Não é qualquer número e não é em qualquer ordem. É por isso que eu falo: tenham paciência, isto aqui é só o começo. Gostaria de dedicar este ano, especificamente, não digo à lógica, mas a uma filosofia da lógica. Não estou ensinando lógica, eu os estou ensinando a meditar sobre os conceitos da lógica, porque se a lógica é simplesmente ensinada como uma técnica, você aprende a manipular aquilo, mas não sabe o que está fazendo — é a coisa mais anti-filosófica que há — É melhor você não saber lidar com o negócio, mas compreender as dificuldades, do que você saber lidar com o negócio, mas não compreender as dificuldades.

É como aprender a guiar: você não precisa entender de mecânica de automóveis, muito menos de mecânica no sentido de ciência física; mas não se recomenda que você estude a ciência da mecânica enquanto dirige um automóvel! Aqui também é a mesma coisa, não podemos fazer a filosofia da lógica se ao mesmo tempo estamos pegando todas as regras da lógica e as estamos aplicando. Ao contrário, aqui nós transitamos livremente entre os quatro discursos. Eu não tenho o compromisso de dar uma demonstração lógica de tudo que estou falando, aliás, nem é necessário fazer isso. Aqui nós transitamos do discurso analítico para o dialético e para o retórico à vontade, não estamos aplicando a técnica da lógica enquanto falamos nela; estamos tentando entendê-la usando todos os recursos que nós temos.

Aluno: Pertencço à igreja Batista, mas não me sinto mais “batista”, no sentido estrito da palavra, nem acho que deva ter qualquer denominação; sou apenas uma cristã que procura viver o mais perto dos ensinamentos do meu amado Salvador. Ocorre que, nos anos em que ouvi as pregações de pastores evangélicos, aprendi a ler a Bíblia com muito amor e reverência, e dela me alimento todos os dias; não sentia nenhuma dúvida quanto à inspiração do Espírito Santo para compreendê-la e fazer dela a orientação espiritual para a minha vida. Agora pergunto: por que tenho que ter um intermediário como a Igreja, formada por homens, para interpretar aquilo que já tenho direto de Jesus Cristo?

Olavo: Primeiro, porque estas palavras chegaram a você através da Igreja, e não diretamente; diretamente, seria só se Jesus Cristo aparecesse na sua frente e te dissesse. Estas palavras foram registradas por esses mesmos homens cuja interpretação você está desprezando. Se não fosse eles, não teria Evangelho algum! Então, o Evangelho é obra da Igreja e, note bem, em parte alguma se diz que aquilo foi “ditado” por Deus: foi inspirado. Inclusive, nos trechos que são reproduzidos textualmente, que são palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, se você somar tudo o que Jesus Cristo disse, que está lá textualmente — em algumas edições vêm até em vermelho — não dá vinte páginas. Você acha que Jesus Cristo disse só isso? Não, ele disse muito mais; no entanto, o que foi guardado e registrado foram estas palavras. Portanto, houve uma seleção. Quem fez esta seleção? A Igreja. Autorizada e inspirada por Nosso Senhor Jesus Cristo. Quando você está lendo a Bíblia você ouve a palavra de quem? Da Igreja.

Não é diretamente a palavra de Deus; a expressão “palavra de Deus” é uma metonímia, uma figura de linguagem. Palavra de Deus foi só aquilo que Deus

disse diretamente; o que ele inspirou e autorizou não é diretamente d'Ele, mas tem a Sua autoridade através de uma autoria humana, que é exatamente a Igreja. Então o que você está lendo é o material da Igreja, e não tem saída: você pode ser batista, metodista, católico, “católico do b”, ortodoxo, isto é um simples fato histórico; não tem como escapar disto.

(aluna presente questiona sobre a sucessão apostólica, quase inaudível)

Ah, a sucessão apostólica já está ali no começo.

[02:40]

Aluno: (...) O senhor se referiu aos Evangelhos, ou seja, que Cristo veio primeiro, depois a Igreja e depois os Evangelhos. Onde o senhor colocaria o Velho Testamento e também a parte anterior da Bíblia?

Olavo: É a mesmíssima coisa. Se você despreza a Igreja, despreza junto a Tradição Profética, que é exatamente a mesma coisa. Pelo simples fato de você ler a Bíblia, você está lendo algo que foi escrito por homens inspirados por Deus, e depois traduzido por outros homens que você não sabe se estão inspirados; e revisto por um terceiro e impresso por um quarto, que você também não sabe se estão inspirados; ou seja, se não existe esta imensa colaboração através das gerações, não tem Bíblia nenhuma. Por isso é que, quando Cristo institui a sua nova aliança, o faz com quem? Com os apóstolos, que são a Igreja. Ele é fiel a esta aliança. Se você pula por cima da aliança e só se interessa pelo texto, é como dizer: não interessa o autor, só interessa o livro. Aí é como se o livro tivesse aparecido sozinho. O Evangelho é fruto da aliança entre Deus e a Sua Igreja.

Este é um enfoque. Outro enfoque é saber o seguinte: se hoje, na instituição chamada Igreja, você ainda tem pessoas qualificadas para ensinar, para interpretar os textos da Igreja e o Evangelho, etc. Eu acho que, para cada 10 mil que aparecem querendo fazer isso, talvez tenha um qualificado. E o mais qualificado, às vezes, não se dá muito ao trabalho de explicar, entende? O Padre Pio recomendava: “reze e não se preocupe”. Se nós formos adentrar questões de exegese bíblica, acabaremos por nos matar uns aos outros, como as pessoas sempre fizeram.

Note bem, ainda há um terceiro aspecto pelo qual esta questão pode ser enfocada: o contato que existe entre o ser humano — você, Marilete Tang — e Deus, não é só através da Bíblia, é através do próprio Deus. Vou lembrar a vocês, que são cristãos, de uma coisa — os que não são também podem achar isso interessante; Jesus Cristo é o Logos divino encarnado. Isto quer dizer que a inteligência de Deus aparece na Terra sob a forma de um corpo humano vivo, que respira, come, tem carne e osso... é uma coisa material, um homem material, teve gente que tocou no corpo dele, outros que lhe disseram “bom dia”, mesmo sem saber quem ele era. Por outro lado, na comunhão você recebe um pedaço de pão do qual Jesus Cristo disse “isto é meu corpo” — ele não disse “isto é meu espírito”. Ora, de que poderia ser formado o universo real, se não do corpo do Logos? Nossa inteligência só existe como pensamento; mas a inteligência de Deus não existe como pensamento — existe como realidade. Isto quer dizer que o corpo divino está aqui presente e não há nada que esteja fora dele, nada, nada, nada: esta mesa aqui, eu, você. “Nele

vivemos, nos movemos e somos”, dizia São Paulo Apóstolo. Nós estamos dentro de Deus, o universo está dentro de Deus, então como é que você vai se separar dele? Nós só separamos mentalmente, por abstração; mas fisicamente, realmente, jamais nos separamos. Agora, a nossa mente, coitada, só consegue pensar por abstração. Quando nós começamos a pensar isto aqui, por exemplo, um exercício do imaginário: você vê toda a coisa material que está à sua volta e diz: “Epa! Isto aqui é o corpo de Deus! Não há outro corpo fora dele” nada, nada, nada, nada. Então como podemos estar separados de Deus? Só mentalmente, por hipótese. E dentro desta hipótese muitas pessoas vivem, não é incrível? Graças a o quê? Ao poder da abstração, que nos leva ao conhecimento, mas também nos leva à mais rematada estupidez.

E, note bem: em tudo isso não estou raciocinando a partir de uma doutrina, mas a partir de uma narrativa: estou tomando o Evangelho como uma narrativa — algumas pessoas viram certas coisas e as contaram, e não tenho motivo para duvidar delas. Então tomo um testemunho altamente acreditável, não estou lendo o Evangelho como expressão de uma doutrina, mas como testemunho histórico. Quando as pessoas falam em “Jesus histórico”, querem dizer “mas o Jesus histórico é apenas a parte humana”. Mas, espere aí, isto não é a história de Jesus Cristo! Se você pegar só a parte humana, qual parte humana, meu filho? Do que você está falando? Se você separa um “Jesus divino” — que é o Jesus da crença — e um “Jesus histórico”, você já está desmentindo o que ele mesmo disse, está dizendo que ele mentiu, porque não foi isso o que ele disse. “Eu era Deus, mas estou andando aqui só como homem”? Não foi isso o que Ele disse! Aí você está desfigurando a própria história.

Se nós tomarmos o Evangelho, não como doutrina desta ou daquela igreja, mas como simples testemunho histórico, e analisarmos filosoficamente esta narrativa, chegaremos à mesma conclusão a que estou chegando aqui. Isto não é Teologia, não estou levando absolutamente em conta a doutrina que a Igreja elaborou em cima disso, nada, nada, nada, não estou levando em conta a opinião de ninguém. E esta mesma análise me leva a entender que o elemento “Igreja” é um elo essencial da narrativa, sem o qual esta narrativa nem teria chegado aqui. Hoje em dia, como estas igrejas estão todas esculhambadas mesmo, que sentido faz um debate entre Protestantes e Católicos, se o protestante não é protestante e o católico não é católico? Isto é tudo uma besteirada, não percamos o nosso tempo com isso. Continua lendo a Bíblia, mas pode ficar certa, Marilete, que a sua rede de contato com Deus vai muito, infinitamente além da sua leitura da Bíblia. Procura lembrar disso: Nosso Senhor está fisicamente presente — fisicamente.

Vou responder só mais uma — ou nenhuma: Que horas são no Brasil?

Dez horas.

Ih! Então acabou. Outra coisa: persistam no curso até o fim. Não larguem! Exigi este compromisso e cobrarei de cada um. Só no fim vocês estarão equipados e aí teremos muitas discussões, porque eu organizarei as discussões, levantarei os temas e proporei problemas para vocês. Faremos a discussão formal, com

todos os requisitos da discussão séria, da discussão dialética como se fazia na Universidade medieval, nós faremos aqui. Mas tem que ir até o fim.

Até a semana que vem, e muito obrigado.

[02:50]

Transcrição realizada por: Djane Bouças de C. Britto, Maurício Doval, Klauss P. Tofanetto, Ronald Pinheiro.

Revisão realizada por: Carlos Felice.